



Biblioteca da Assembleia da República

DOSSIER DE IMPRENSA

- 1 - Correio da Manhã, 04-06-2009, Ministro defende Lopes da Mota
- 2 - Correio da Manhã, 04-06-2009, Facturas bancárias
- 3 - Primeiro de Janeiro (O), 04-06-2009, Vergonha política
- 4 - Diário Económico, 04-06-2009, Empate técnico com inversão das posições
- 5 - Diário Económico, 04-06-2009, Constâncio diz que actuou com «empenho, zelo e competência»
- 6 - Diário Económico, 04-06-2009, Banca à deriva?
- 7 - Diário Económico, 04-06-2009, PSD quer ouvir Sócrates sobre BPN
- 8 - Diário Económico, 04-06-2009, Onde está a ética?
- 9 - Jornal de Notícias, 04-06-2009, Cavaco Silva nega ter escondido acções da SLN
- 10 - Jornal de Notícias, 04-06-2009, Termómetro
- 11 - Jornal de Negócios, 04-06-2009, Parte das poupanças de Cavaco desapareceu
- 12 - Diário de Notícias, 04-06-2009, As eleições do PSD
- 13 - Diário de Notícias, 04-06-2009, PGR aceira pedido de Dias Loureiro para ser ouvido
- 14 - Diário Económico, 04-06-2009, Benfica, Sporting e Porto precisam de 90 milhões para sair da falência
- 15 - Jornal de Negócios, 04-06-2009, Oposição passa à "artilharia pesada" nos ataques ao partido do Governo
- 16 - Público, 04-06-2009, É preciso ser pobre
- 17 - Público, 04-06-2009, Europeias 09 - Número dos que podem votar não bate certo com os recenseados
- 18 - Público, 04-06-2009, Lábios representados por Duarte Lima tentaram comprar BPN
- 19 - Meia Hora, 04-06-2009, Despacho já está na PGR
- 20 - Diário de Notícias, 04-06-2009, PGR dá tratamento de excepção a Dias Loureiro no caso BPN
- 21 - Público, 04-06-2009, Europeias 2009 - Há quase um milhão de votantes a mais
- 22 - Meia Hora, 04-06-2009, Quinta-feira - Problemas



PRESSÕES ■ ALBERTO COSTA REFUGIA-SE NA CONFIDENCIALIDADE DO PROCESSO DISCIPLINAR



Ministro defende Lopes da Mota

■ Alberto Costa não respondeu a nenhuma das perguntas dos deputados e deixou claro que o Governo não vai afastar procurador do Eurojust

● ANA LUÍSA NASCIMENTO

Pedi explicações ao procurador Lopes da Mota? Como é que não reage nem se indigna? Estas e todas as perguntas colocadas ontem pelos deputados ao ministro da Justiça, a propósito de o seu nome ter sido invocado por Lopes da Mota nas alegadas pressões sobre os investigadores do Freeport, ficaram sem resposta.

Chamado pela segunda vez ao Parlamento, pelo CDS-PP, para esclarecer as consequências que iria retirar do processo disciplinar instaurado ao presidente do Eurojust - órgão europeu para a cooperação judiciária -, Alberto Costa fugiu às perguntas directas, refugiando-se na "confidencialidade" do inquérito. No entanto, deixou claro que o Governo não vai afastar Lopes da

Mota do cargo internacional. "Não deve haver sanção sem processo e sem defesa. É algo de profundamente básico", limitou-se a dizer o ministro que, quando confrontado com o facto de não responder a nenhuma questão, afirmou: "Nestas condições, decorrendo um processo, dizer mais não seria melhor, seria pior do ponto de vista da decência democrática."

"O que me parece correcto num Estado de Direito é esperar pelo fim desse processo. Era mais grave que alguém fosse sancionado antes que se chegasse ao fim de um processo", acrescentou Alberto Costa. Perante esta declaração, Nuno Melo comparou o Freeport ao

caso BPN, lembrando que o PS "achou bem" a demissão de Dias Loureiro de conselheiro de Estado, acrescentando que o social-democrata também "não foi condenado em nada e nem processo disciplinar levou". O ministro considerou que os casos não são comparáveis, mas Nuno Melo contra-atacou: "Pois não, este é muito pior."

Recorde-se que o inspector que concluiu existirem indícios de pressões determinou que as conclusões do inquérito fossem dadas a conhecer ao ministro da Justiça para que este avaliasse um eventual processo contra Lopes da Mota, devido ao uso alegadamente abusivo do seu nome. ■

O procurador no Eurojust, Lopes da Mota



PERGUNTAS SEM RESPOSTA

O ministro da Justiça fugiu a todas as perguntas directas colocadas pelos deputados Nuno Melo (CDS-PP), António Filipe (PCP), José Pedro Aguiar-Branco (PSD) e Helena Pinto (Bloco). O CM recorda as principais questões às quais Alberto Costa não deu resposta.

- Num caso com esta gravidade, como é que o senhor ministro da Justiça não faz nada, não reage nem se indigna?
- Ligou ao procurador Lopes da Mota, exigiu explicações ou pediu informações escritas?
- Perguntou ao procurador-geral da República em que circunstâncias o seu nome foi invocado?
- Quem garante que o procurador Lopes da Mota não volta a interferir em investigações?
- Se o procurador Lopes da Mota não disse nada, então por que razão houve processo disciplinar?
- Tem confiança institucional, ou não, na representação portuguesa no Eurojust?



EUROJUST | AFASTADO DO CASO

O procurador-geral da República decidiu excluir a cooperação do Eurojust da investigação ao caso Freeport e explicou que a decisão tem como objectivo "evitar qualquer suspeição"



AUDIÇÃO | TRAVADA PELO PS

O CDS-PP pretendia ouvir no Parlamento Lopes da Mota, mas o PS alegou que pelo cargo que ocupa no Eurojust o procurador não podia ser chamado ao abrigo do requerimento potestativo

SUSPEITAS | CASO FELGUEIRAS

O procurador Lopes da Mota já foi alvo de outro processo no Ministério Público, que acabou arquivado, por suspeitas de fornecer informações sobre o processo 'saco azul' a Fátima Felgueiras



■ Audição.
O ministro da Justiça foi ontem ouvido na comissão parlamentar de Assuntos Constitucionais.

IMAGO/REUTERS

REACÇÕES

“O comunicado da PGR foi infeliz mas disse existem indícios de pressões. Não foi nenhuma campanha negra

AGUIAR-BRANCO PSD



“O processo é confidencial, mas o assunto é público. A posição de Portugal no Eurojust está fragilizada

ANTÓNIO FILIPE PCP



“PS achou bem a demissão de Dias Loureiro, que também não foi condenado, nem processo disciplinar levou

NUNO MELO CDS-PP



Freeport e BPN aquecem campanha das Europeias

Os casos judiciais estão a marcar os últimos dias de campanha para as eleições Europeias. Depois do caso BPN, que envolve o social-democrata Dias Loureiro, foi a vez do caso Freeport aquecer a campanha, com Paulo Rangel a acusar o Governo de ser "cúmplice" ao não afastar Lopes da Mota.

“O Governo nada fez para afastar o presidente do Eurojust e Portugal continua numa situação insustentável nas instituições Europeias, porque tem como representante nacional um procurador que tem um processo disciplinar por pressões no caso Freeport”, afirmou o candidato do PSD, Paulo Rangel.

Já o candidato do PS, Vital Moreira, insistiu no caso BPN e criticou o PSD por não “retirar a confiança partidária aos responsáveis por tanta trampolinice financeira”.



Dias Loureiro vai ser ouvido

A procuradora-geral-adjunta Cândida Almeida confirmou ontem ter recebido o despacho do procurador-geral da República para ouvir Dias Loureiro no âmbito do caso BPN, o que deverá acontecer ainda este mês. ■

SBERG/LEMONS



Governo segura
Lopes da Mota

■ **Alberto Costa** não responde à Oposição **PÁGS. 6 E 7**



**DIA A DIA****Facturas bancárias**

A nacionalização do BPN em Novembro passado evitou que outros bancos maiores fossem arrastados no inevitável vendaval que se seguiria à falência. Agora é fácil dizer que o negócio foi ruinoso para os contribuintes, mas o Governo não tinha outra opção. A partir de 15 de Setembro passado os mercados financeiros ficaram tão agitados que a notícia da falência de um pequeno banco em Portugal aumentaria o prémio de risco do País e todos os bancos teriam ainda mais dificuldades em arranjar financiamento nos mercados internacionais e haveria mais pânico nos depositantes. A factura real seria muito superior aos quase dois mil milhões que vai custar aos contribuintes a desventura do BPN.

Outro caso é o do BPP, que não tem o risco sistémico do BPN. Há o problema dos clientes, especialmente, os de retorno absoluto, burlados pela administração de Rendeiro. Os principais banqueiros nacionais defendem que seja encontrada uma solução para os clientes, mas não querem que seja accionado o sistema de indemnização aos investidores, um seguro que cobre falhas dos intermediários financeiros. O que os banqueiros dizem é simples: "Resolva-se o caso, mas sem o nosso dinheiro." É imoral que seja o dinheiro dos contribuintes a pagar burlas de banqueiros, mesmo que as 'polícias' não tenham detectado o crime a tempo e horas.

ARMANDO ESTEVES PEREIRA
DIRECTOR-ADJUNTO



OBAMA É IGUAL A BUSH

Bin Laden acusa presidente dos EUA de "fomentar o ódio dos muçulmanos contra a Casa Branca"

Continente - 0,60 € (IVA INCLUIDO) - Ilhas - S. Miguel e Madeira - 0,75 € (IVA INCLUIDO) - Porto Santo 0,80 € (IVA INCLUIDO)

186808 Há 140 anos, todos os dias consigo.

O PRIMEIRO DE JANEIRO

Director: Rui Alas Pereira | ISSN 0873-170 X |

Fundado em 1868 - www.oprimeirodejaneiro.pt

Ano CXXI | N.º 65

Quinta-feira, 4 de Junho de 2009

Nascimento Rodrigues renuncia ao cargo de Provedor de Justiça e critica partidos

VERGONHA POLÍTICA

■ "Há aqui um problema de responsabilidade política dos líderes partidários. Têm de se entender, para bem do País", apelou Nascimento Rodrigues, momentos depois de ter entregue a sua carta de renúncia, com efeitos imediatos, ao presidente da Assembleia da República.

PÁGINA 11

"ESTOU PERFEITAMENTE SEGURO QUE O POSSO DIZER"

Cavaco nega ter escondido acções da SLN

PÁGINA 9

JESUALDO VIU OFICIALIZADA RENOVAÇÃO DE CONTRATO

Maicon assina por cinco anos pelo FC Porto

PÁGINA 20

PILOTOS INICIAM HOJE UMA PARALISAÇÃO DE 10 DIAS

Greve pode comprometer futuro da PGA

PÁGINA 13

PARA PREPARAR JOGOS DE LONDRES 2012

Investimento olímpico de 14,6 milhões

PÁGINA 24

ENCONTRADOS MAIS DESTROÇOS DO AVIÃO

Notre Dame honra vítimas do voo AF447

PÁGINA 15



ELEIÇÕES PARLAMENTO EUROPEU | SONDAGEM MARKTEST

Empate técnico com inversão de posições

Rangel tem uma ligeira vantagem face ao PS de Vital Moreira.

MÁRCIA GALRÃO
marcia.galrao@economico.pt

CUSTO DA CAMPANHA

Só em subvenções estatais, o Estado português vai gastar este ano 100 milhões de euros com as três eleições previstas. Cerca de 70 milhões vêm do Orçamento do Estado, enquanto o restante são despesas de organização. Só aqui, no caso das europeias, o escrutínio custa 10,2 milhões de euros. A tudo isto acresce ainda o dinheiro que os partidos conseguem angariar. Nos seus orçamentos enviados ao Tribunal Constitucional, os 13 partidos contam gastar, no total, cerca de 8,2 milhões de euros.

PS e PSD continuam tecnicamente empatados nas intenções de voto para as próximas eleições europeias. Mas desta vez, com uma diferença: o PSD passa pela primeira vez para a frente do marcador e Paulo Rangel começa a capitalizar uma campanha eleitoral que lhe tem dado notoriedade e protagonismo. A poucos dias da prova dos nove de 7 de Junho, a sondagem Markttest/Económico/TSF dá uma ligeira vantagem de 3,1 pontos percentuais aos social-democratas (32,5% contra 29,4% do PS) mantendo-se dentro da margem de erro do inquérito mas com uma inversão das posições.

Um resultado que os politólogos ouvidos pelo Diário Económico consideram ter um "simbolismo" bastante importante, na medida em que demonstra que pode haver de facto uma penalização do Governo neste acto eleitoral. Além disso, tanto Cardoso Rosas como Manuel Meirinho acreditam que a confirmar-se o resultado dará um "novo ânimo" ao PSD e ajudará a reforçar a liderança de Manuela Ferreira Leite. Mas, o certo, é que continua tudo em aberto até que os votos entrem nas urnas.

Para já e pelo menos do ponto de vista mediático a presença assídua de José Sócrates na campanha tem ajudado Vital Moreira a destacar-se na corrida. O cabeça de lista socialista vem, no entanto, a perder pontos (de 33,1% em Abril passa agora para 29,4%). Os dados da sondagem foram recolhidos entre quarta-feira e Sábado da semana passada (dias 27 a 30 de Maio) já depois de Vital Moreira ter pedido a criação de um imposto europeu sobre transacções financeiras ou, em alternativa, de se proceder à transferência de fatias suplementares dos orçamentos nacionais para a UE.

A entrada do caso BPN na caravana das europeias não terá ajudado o PS a capitalizar votos, uma vez que a sondagem - realizada entre 27 e 30 de Maio - já reflecte os efeitos da demissão de Dias Loureiro do cargo de Conselho de Estado e as acusações lançadas ao ex-dirigente laranja pelo ex-presidente do BPN, Oliveira e Costa. Vital Moreira associou o escândalo - a "roubalheira" nas palavras de Vital - do BPN a "figuras gradas" do PSD e acabou por ouvir as primeiras críticas de Manuela Ferreira Leite, no dia em que a líder entrou finalmente na campanha: "Percebe-se que há um desespero de um candidato, mas as campanhas eleitorais não podem permitir tudo, só podem permitir algumas coisas", queixou-se.

O politólogo João Cardoso Rosas acredita que "o candidato do PS revelou-se um mau candidato, enquanto Paulo Rangel tem mostrado que tem talento para fazer campan-

ha". Prova disso é que José Sócrates tem estado muito mais vezes ao lado do seu cabeça de lista, enquanto Ferreira Leite tem optado por deixar Rangel voar sozinho: "A participação do primeiro-ministro é vantajosa para o PS, enquanto a da líder do PSD é negativa, porque Rangel funciona melhor do que ela", diz Cardoso Rosas. Por isso, o professor olha com cautela para o resultado, considerando que uma maior intervenção de Sócrates nos últimos dias antes da votação poderá ser benéfica para os socialistas e fazer a diferença no resultado de Domingo. Mas não revelam estes números a ideia de que os eleitores vão mesmo penalizar o Governo nas urnas? Os politólogos consideram que sim. Manuel Meirinho olha mesmo para esta "espécie de primárias" como o espelho do "descontentamento", reconhecendo que o "debate muito nacional e pouco ligado com a Europa" que se tem

"A participação do primeiro-ministro é vantajosa para o PS, enquanto a líder do PSD é negativa, porque Rangel funciona melhor do que ela", diz Cardoso Rosas.

feito ajuda a aumentar esse "efeito de penalização de quem governa". Além disso, a "campanha zigzagueante de Vital, com muito por resolver, e a lógica crescente e acutilante de Rangel" têm sido benéficas para o PSD, sublinha. Meirinho também acredita que o descontentamento da população, a braços com uma crise económica sem precedentes, aumenta o efeito penalizador do Governo e a considerar que esse descontentamento está a ser "distribuído entre o principal partido da oposição e os partidos da extrema-esquerda".

De facto, o Bloco continua a manter a sua posição de terceira força política, embora empatado com a CDU (8,9), remetendo para o fundo da tabela o CDS (3,3%). Cardoso Rosas olha para a competição entre os partidos da extrema-esquerda com uma das batalhas "mais interessantes". Conseguirá de facto o BE assumir-se como terceira força? "É uma incógnita". ■



Paulo Rangel

Prescindiu da presença de Ferreira Leite ao seu lado e tem-se dado bem com isso. Defensor da recandidatura de Barroso à CE, está contra o imposto europeu e defende de criação de um programa Erasmus para o primeiro emprego, que se chamaria Vasco da Gama.



Vital Moreira

Protagonizou o momento da campanha, quando ela ainda não era oficial: a agressão de que foi alvo no 1º de Maio. Depois disso, já propôs a criação de um imposto europeu e não poupou críticas ao PSD na questão do BPN. Quanto a Durão Barroso, garante que não o apoiará.



Ilda Figueiredo

Tem chamado a atenção para as políticas monetárias da UE e centrado o debate nas políticas europeias que podem ter reflexo em Portugal, como as políticas comuns para a agricultura e pescas, a liberalização do comércio interno e serviços ou o emprego.



Miguel Portas

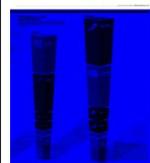
A agenda do Bloco de Esquerda nacional tem tido os seus reflexos nas ideias para a Europa. Miguel Portas quer dotar a UE de um orçamento próprio, indo buscar os recursos ao fim dos off-shores e tributando qualquer operação especulativa.



Nuno Melo

Figura de destaque na investigação ao BPN, Nuno Melo tem usado o à-vontade nas questões para debater a supervisão. O CDS, com Portas assíduo no terreno, tem também apontado o dedo aos erros das políticas do Governo e pedido votos, porque "não basta ter razão".





ID: 25388250

04-06-2009 | Eleições

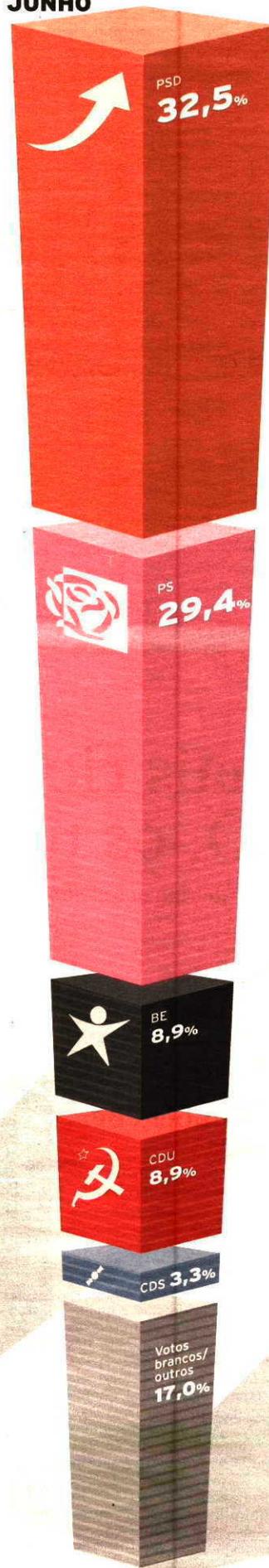
INTENÇÕES DE VOTO NAS EUROPEIAS

PSD e PS estão tecnicamente empatados, embora os social-democratas tenham ganho uma ligeira vantagem entre Maio e Junho. PCP e Bloco disputam o terceiro lugar, com o CDS em último.

MAIO



JUNHO



Ficha técnica

O barómetro Marktest/Económico/TSF realizou-se entre os dias 27 e 30 de Maio com o objectivo de analisar as intenções de voto nas eleições europeias. O universo desta sondagem é a população de Portugal Continental com mais de 18 anos que vive em residências com telefone fixo. A amostra é de 807 inquiridos, estratificada por regiões: 160 na Grande Lisboa, 91 no Grande Porto, 156 no Litoral Norte, 131 no Litoral Centro, 179 no Interior Norte e 90 no Sul. 426 inquiridos são mulheres e 381 homens. 256 entrevistas são realizadas a indivíduos com idades entre os 18 e os 34 anos, 278 a entre os 35 e os 54 anos e 273 a indivíduos com mais de 55 anos. A escolha dos lares foi feita aleatoriamente a partir da base de telefones residenciais no Continente. O intervalo de confiança é de 95% e a margem de erro de 3,45%. 44% responderam Não sabe/Não responde à intenção de voto nas europeias. Para a distribuição dos indecisos e não votantes considerou-se a sua distribuição de forma proporcional aos que declararam o sentido de voto.

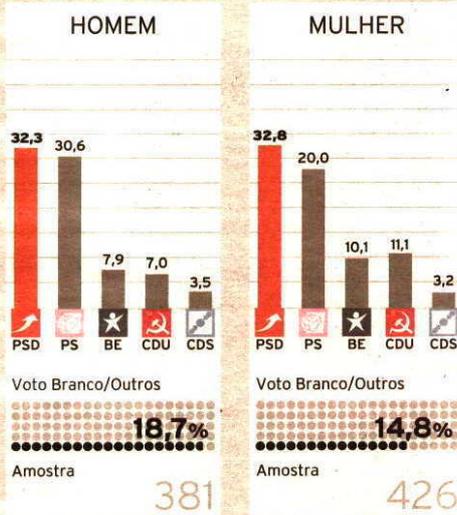


RETRATO DO VOTO POR SEXO, IDADE, REGIÃO E CLASSE SOCIAL

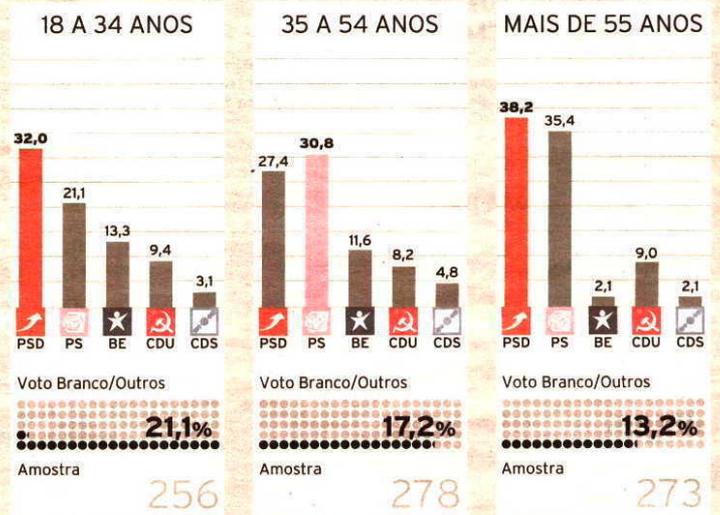
Tendo em conta a distribuição do voto por classe social, o PSD vinga entre os mais ricos e o PS na classe baixa. Por outro lado, enquanto os socialistas ganham predominância entre a fatia mais activa da população (entre os 35 e os 55 anos), os social-democratas destacam-se entre os eleitores que têm mais de 55 anos. Já na distribuição do voto por região do país, é na Grande Lisboa que o PSD lidera, enquanto no Grande Porto (a terra natal da cabeça de lista do PSD) é o PS que assume a dianteira. A CDU tem uma intenção de voto acima da média no Litoral Centro do país, enquanto o Bloco se destaca no Sul. Já o CDS que, no Sul praticamente não existe, é no Litoral Norte que tem o seu melhor resultado. (VALORES EM %)

Fonte: Markttest

SEXO



IDADE



CLASSE SOCIAL



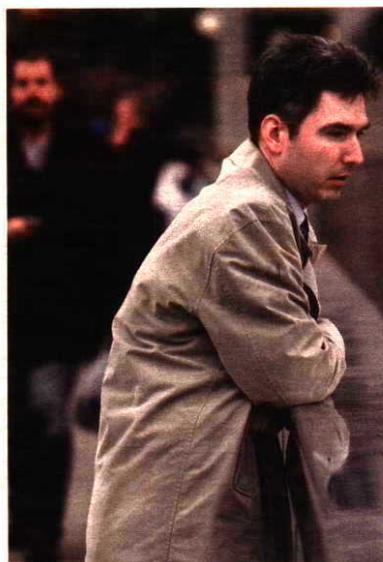
Os mais ricos preferem o PSD, os mais pobres o PS

Conheça o retrato tipo dos eleitores portugueses e as suas preferências.

MÁRCIA GALRÃO
marcia.galrao@economico.pt

Classe alta aposta no PSD, mas também BE

A tradição ainda é o que era e, no tabuleiro das europeias, as classes sociais continuam a distribuir-se segundo ditam as regras das ideologias. A classe alta e média alta ainda se revê na social-democracia e 24,3% dos inquiridos na sondagem Markttest/Económico/TSF garante que irá votar no PSD. Os ideais de direita continuam a fazer mais sentido para esta classe que cresceu com o capitalismo e que se mantém fiel aos seus princípios mesmo depois do abalo da crise económica e financeira. Mas curiosamente, ou não, nem aqui o CDS capitaliza a sua força e é mesmo o Bloco de Esquerda que ganha novo gás nesta classe social. Confuso? Pois, de facto aqui a tradição já não é o que era e o partido de Louçã tem 10% das intenções de voto desta camada da população, logo a seguir ao PS com 14,9% e muito à frente do CDS com apenas 2%. No lado oposto, a classe muito baixa e baixa está com o PS (15,5%) e mais uma vez aqui o BE baralha as contas, conseguindo apenas 2,9% das intenções de voto. Já a classe média prefere o PSD (18%).



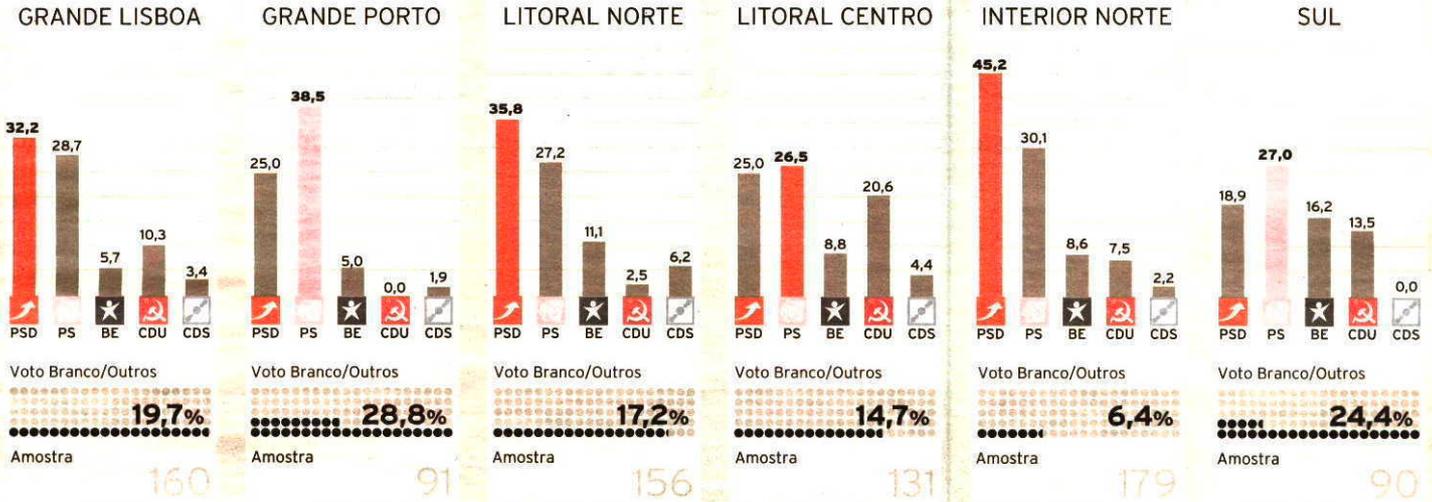
Classes alta e média alta dão preferência ao voto no PSD.

As senhoras preferem o laranja ao rosa

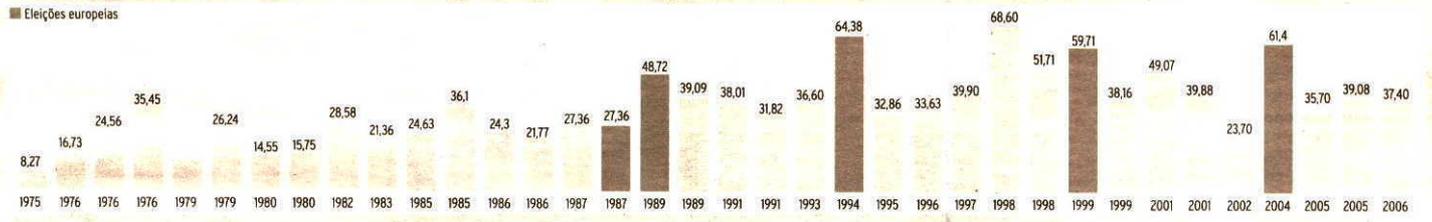
Afinal as mulheres gostam mais do cor-de-laranja do que do cor-de-rosa e nem a batalha intensa pela paridade nos cargos políticos e a forte presença de figuras femininas na campanha do PS, como Edite Estrela, Elisa Ferreira ou Ana Gomes, ajudam o PS a capitalizar os votos nesta ala. Quase 15% das senhoras preferem o PSD, contra 12,4% que prefere o PS. Mas elas são mais indecisas dos que eles e 51,9% ainda não sabe em quem irá votar. Os homens confiam mais no Bloco Central e distribuem os seus votos sobretudo entre PSD (19,4%) e PS (18,45). Nos partidos minoritários a divisão entre sexos é praticamente inexistente e as percentagens são quase iguais entre homens e mulheres. Na hora de votar, será o sexo masculino que optará por dar um sinal de descontentamento com a política e com estas eleições europeias e os seus candidatos e ideias: 11,3% garante que irá votar, é certo, mas em branco. Para já, em ambos os sexos a abstenção ainda não é dada como certa, com menos de 4% a assumir que não irá às urnas.



REGIÃO



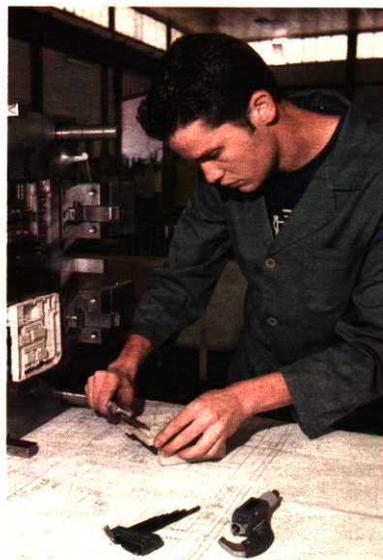
Evolução da abstenção nas eleições em Portugal



Infografias: Mário Maihão e Marta Carvalho | infografias@economico.pt

PS mais popular junto da população activa

Ferreira Leite é muitas vezes criticada pela sua avançada idade para o cargo, mas a juventude de Paulo Rangel acaba por garantir aos social-democratas a maior fatia das intenções de voto dos jovens. Na camada da população entre os 18 e os 34 anos, 16% garante que votará PSD, enquanto apenas 10,5% votará em Vital Moreira. O BE conquista 6,6% dos jovens, enquanto a CDU consegue 4,7% e o CDS não vai além dos 1,6%. Na força da idade activa, entre os 35 e os 54 anos, a população prefere o PS de Vital Moreira, com 16,2% contra 14,4% das preferências que vão para Paulo Rangel. Para os portugueses que já ultrapassaram a barreira dos 55 anos e estão reformados ou a sonhar com essa reforma, o preferido é o PSD de Manuela Ferreira Leite, encabeçado para a Europa por Paulo Rangel (20,1%). Nesta camada da população, o PS obtém 18,7% das intenções de voto. Aqui, as ideias pouco conservadoras do Bloco de Esquerda e a juventude do partido não convencem e as intenções de voto caem para 1,1%.



Paulo Rangel

Lisboa com Rangel, Porto com Vital

A terra natal dos candidatos parece que não lhes garante qualquer simpatia preferencial pelos seus conterrâneos. Figura destacada da Invicta, Paulo Rangel vê a região do Grande Porto dar a sua preferência ao PS do coimbrão Vital Moreira (22% contra 14,3%). Pelo contrário a Grande Lisboa dá o seu prémio aos social-democratas (17,5%) e deixa o PS na segunda posição com 15,6%. Depois das áreas metropolitanas das principais cidades do país, o eleitor-tipo do PSD é sobretudo do Interior Norte (23,5% e do Litoral Norte (18,6)). Pelo contrário, Vital Moreira passa melhor a sua imagem no Litoral Centro (13,7%) e no Sul do país (11,1%). No Bloco de Esquerda, a maioria dos eleitores está região Litoral Norte e no Sul, enquanto a CDU ganha vantagem no Litoral Centro e se divide também na Grande Lisboa e no Sul. Os democratas-cristãos de Nuno Melo e Paulo Portas concentram as suas preferências no Litoral Norte e Centro, tendo uma relevância totalmente inexistente na região sul do país (0%).

A população mais activa (35-54 anos) prefere o PS.





ID: 25388250

04-06-2009 | Eleições

↓

No suplemento, a sondagem da Marktest dá empate técnico a PS e PSD, com Rangel ligeiramente à frente.



DESTAQUE CASO BPN

Constâncio diz que actuou com "empenho, zelo e competência"

Governador do Banco de Portugal escreveu à comissão de inquérito para explicar porque fez o que podia no caso BPN. Tira-teimas é na segunda-feira.

Lígia Simões e David Dinis
ligia.simoes@economico.pt

Na iminência da ida ao Parlamento, o governador do Banco de Portugal acaba de enviar uma carta aos deputados da comissão inquérito ao caso BPN, para responder aos que já pedem a sua demissão do cargo por alegada "falha grave" de supervisão. Vítor Constâncio reitera, na carta a que o Diário Económico teve acesso, que sempre actuou "de acordo com os parâmetros internacionais" e que a supervisão prudencial "não pode utilizar métodos policiais para a investigação". Para a argumentação, enviou à Comissão um conjunto de documentos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Comité de Basileia, que sustentam uma avaliação positiva da actuação do regulador.

A conclusão de Constâncio é liminar: o Banco de Portugal exerceu com "zelo, empenho e competência as suas tarefas de supervisão prudencial" e nunca teve acesso a informações ou denúncias que os pudessem levar a suspeitar de fraudes. Esta é a linha base da sua defesa, que servirá de mote à audição final na comissão de inquérito, marcada para a próxima segunda-feira (8 de Junho).

A carta do governador, com cinco páginas e datada de 22 de Maio, usa dois argumentos centrais de defesa: os resultados de uma auditoria do FMI ao BdP - já antes referenciada pelo próprio Constâncio; e um estudo internacional que identifica os maiores responsáveis pela descoberta de fraudes no sector bancário. Este estudo aponta uma conclusão curiosa: os reguladores só são responsáveis pela identificação de poucos casos destes.

Sobre o exame feito, há três anos, pelo FMI ao BdP, o governador recorda que a instituição analisou os métodos usados na função de supervisão bancária, com conclusões "muito lisonjeiras". O FMI colocou Portugal "no grupo de países com mais elevado cumprimento dos padrões internacionais aplicáveis". Nesta avaliação, Portugal surge bem cotado no cumprimento integral



Nuno Melo
Deputado do CDS/PP

"O que permitia à comissão de inquérito avaliar a supervisão são todos os documentos que Vítor Constâncio não enviou (...) Os factos (casos BCP, BPP e BPN) desmentem o exame do FMI".



Honório Novo
Deputado do PCP

"Se a carta de alforria é o dossier que nos foi enviado, das duas uma: ou os peritos do FMI estavam muito enganados, ou muito mal vai a nossa supervisão".



João Semedo
Deputado do Bloco de Esquerda

"É uma tentativa de reganhar credibilidade e legitimidade, substituindo evidências pela teoria geral da supervisão (...) Ninguém se vai deixar enganar".

dos princípios básicos de Basileia, quando comparado com outros países europeus como o Reino Unido, Itália, Holanda, França e Espanha. De um conjunto de 20 itens analisados, o FMI concluiu que são cumpridos largamente os critérios referentes a riscos de mercado e supervisão directa e indirecta.

Para fechar o capítulo FMI, o governador aponta outra avaliação, mais recente (Outubro de 2008), onde esta entidade internacional avançou que "o sistema financeiro continua robusto e bem supervisionado".

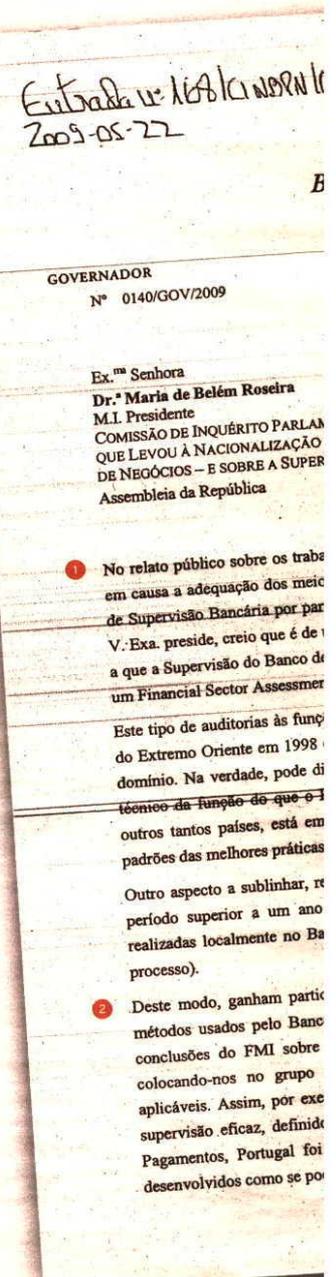
Vítor Constâncio dedica ainda um extenso parágrafo de 15 linhas à supervisão prudencial. A este respeito salienta que são utilizados métodos de auditoria, "muitas vezes por amostragem, a partir dos documentos oficiais e dos reportes preparados pelas instituições", com apoio "essencial" na certificação das contas por ROC e auditores externos.

Mas o trunfo de Constâncio, para garantir que não podia ter feito mais no caso BPN, é um estudo da Universidade de Chicago, que reuniu 230 casos de fraudes no sistema bancário e procurou identificar quem foi responsável pela descoberta de cada uma delas. A conclusão é inesperada: "Só em pequena percentagem são descobertas pelos supervisores", diz Constâncio na carta. Segundo os dados que disponibiliza, os reguladores sectoriais descobrem apenas 10,9% do total. Tantos como - por exemplo - a comunicação social, e bem menos do que as denúncias pelos próprios empregados (13%).

O governador do BdP conclui que "é por isso que a incapacidade para prevenir fraudes, sobretudo quando cometidas a alto nível, não constitui em si mesmo uma falha da supervisão que pode ter sido exercida com zelo e aplicação das melhores práticas internacionais". É esta a argumentação que tem levado o governador a reafirmar que a supervisão prudencial "não pode utilizar métodos policiais para a investigação". O que reafirmará quando voltar à comissão de inquérito. ■

Governo em defesa de Constâncio

O Governo saiu em defesa do Banco de Portugal e de Vítor Constâncio, procurando recenter a discussão nas ilegalidades no BPN, em vez de no debate em torno da supervisão. Queremos reforçar a supervisão, não enfraquecê-la. Não estamos interessados em desviar o foco de atenção da questão essencial: as irregularidades, fraudes e crimes cometidos por instituições privadas, ludibriando os auditores e os supervisores", disse o ministro dos Assuntos Parlamentares, Augusto Santos Silva. Em vésperas de Constâncio ir à Comissão de Inquérito, na próxima segunda-feira, o PS reiterou-lhe o apoio e preparou terreno para a mensagem que o Governador levará à Comissão: "o que importa é se a instituição de supervisão usou os meios e metodologias que respeitam os melhores parâmetros internacionais", disse o deputado socialista Vítor Martins. Já o PSD subiu de tom nas críticas a Constâncio. Apesar de continuar sem pedir a demissão do Governador, o deputado Hugo Velosa acusou o Banco de Portugal de, durante anos em que foram cometidas ilegalidades, "nada ter feito para acabar com o regabofe de Oliveira e Costa" e que o caso do BCP e do BPP mostram que a instituição é "reincidente na não antecipação de muitos problemas na banca". CDS-PP, Bloco de Esquerda e PC voltaram a pedir a demissão do Governador do Banco de Portugal.



1. No relato público sobre os trabalhos em causa a adequação dos meios de Supervisão Bancária por parte V. Exa. preside, creio que é de 1 a que a Supervisão do Banco de um Financial Sector Assesment Este tipo de auditorias às funções do Extremo Oriente em 1998 domínio. Na verdade, pode dizer-se que a função de que e outros tantos países, está em padrões das melhores práticas Outro aspecto a sublinhar, no período superior a um ano realizadas localmente no Ba processo).

2. Deste modo, ganham particular importância os métodos usados pelo Banco conclusões do FMI sobre colocando-nos no grupo aplicáveis. Assim, por exemplo, a supervisão eficaz, definida Pagamentos, Portugal foi desenvolvidos como se po

1. Constâncio justifica, na carta aos deputados, o envio de dados à comissão, em vésperas da sua nova audição, face aos "depoimentos que procuraram pôr em causa a adequação dos meios, estruturas organizativas e métodos utilizados no exercício da função de supervisão bancária".

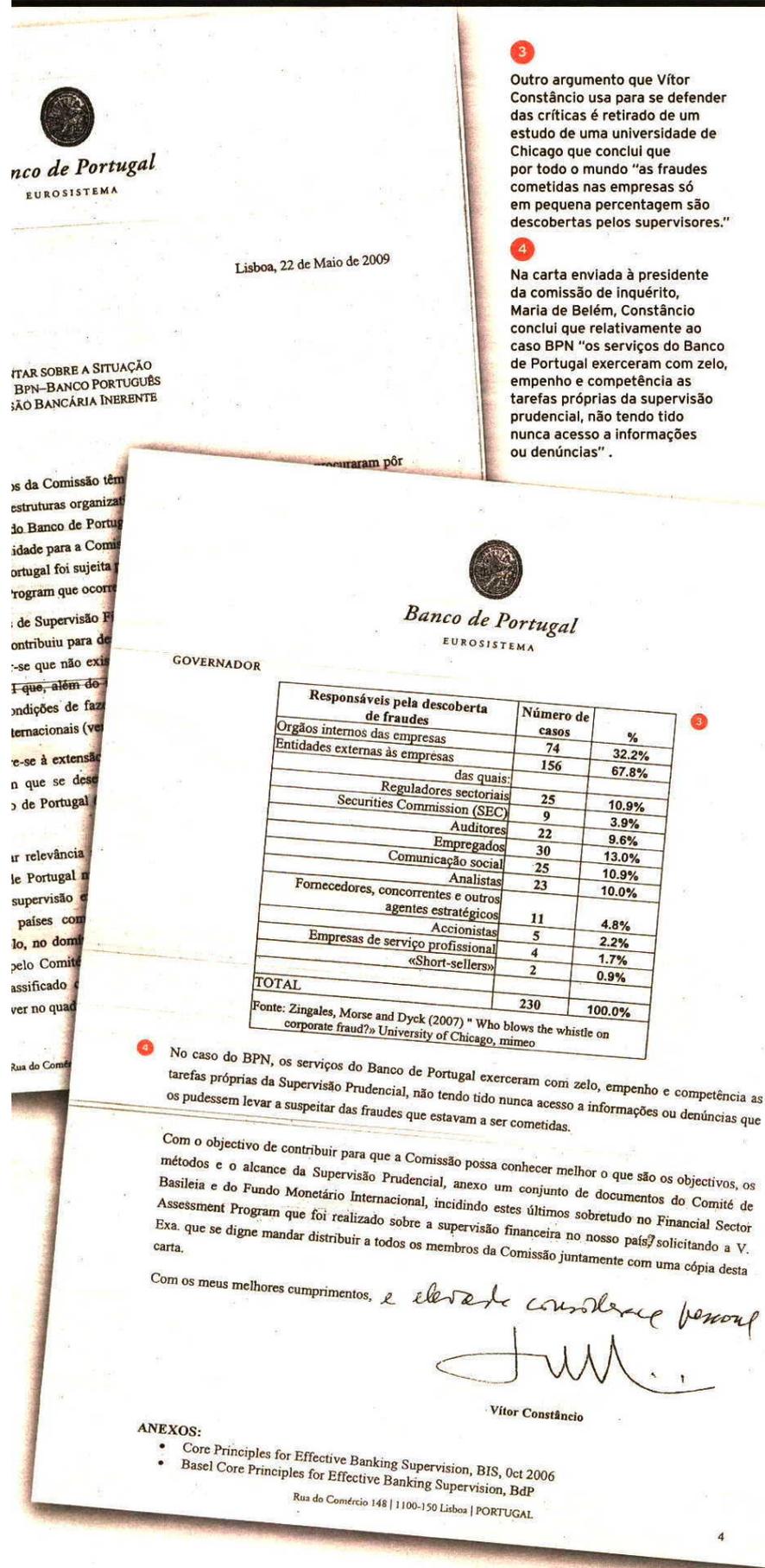
2. O governador disponibilizou todos os dados de uma extensa auditoria a que a supervisão do BdP foi sujeita pelo FMI, entre Junho de 2005 e Outubro de 2006. Enviou ainda as conclusões da consulta mais recente a Portugal, no âmbito do artigo IV, onde o FMI conclui que o sistema financeiro nacional continua "bem supervisionado".

PONTOS-CHAVE

▶ Vítor Constâncio enviou uma carta à comissão parlamentar do BPN, reiterando que o Banco de Portugal cumpriu com todas as suas obrigações.

▶ Cavaco Silva desmentiu ontem que tenha alguma vez escondido o facto de ter detido acções da SLN. "Sou muito escrupuloso no cumprimento da lei", afirmou o Presidente.

▶ Manuel Dias Loureiro será ouvido pelo DCIAP ainda este mês. "Vamos ouvi-lo o mais rapidamente possível", confirmou ontem Cândida Almeida.



3 Outro argumento que Vítor Constâncio usa para se defender das críticas é retirado de um estudo de uma universidade de Chicago que conclui que por todo o mundo "as fraudes cometidas nas empresas só em pequena percentagem são descobertas pelos supervisores."

4 Na carta enviada à presidente da comissão de inquérito, Maria de Belém, Constâncio conclui que relativamente ao caso BPN "os serviços do Banco de Portugal exerceram com zelo, empenho e competência as tarefas próprias da supervisão prudencial, não tendo tido nunca acesso a informações ou denúncias".

Lisboa, 22 de Maio de 2009

Banco de Portugal
EUROSISTEMA

Responsáveis pela descoberta de fraudes	Número de casos	%
Órgãos internos das empresas	74	32.2%
Entidades externas às empresas	156	67.8%
das quais:		
Reguladores sectoriais	25	10.9%
Securities Commission (SEC)	9	3.9%
Audidores	22	9.6%
Empregados	30	13.0%
Comunicação social	25	10.9%
Analistas	23	10.0%
Fornecedores, concorrentes e outros agentes estratégicos	11	4.8%
Accionistas	5	2.2%
Empresas de serviço profissional	4	1.7%
«Short-sellers»	2	0.9%
TOTAL	230	100.0%

Fonte: Zingales, Morse and Dyck (2007) "Who blows the whistle on corporate fraud?" University of Chicago, mimeo

4 No caso do BPN, os serviços do Banco de Portugal exerceram com zelo, empenho e competência as tarefas próprias da Supervisão Prudencial, não tendo tido nunca acesso a informações ou denúncias que os pudessem levar a suspeitar das fraudes que estavam a ser cometidas.

Com o objectivo de contribuir para que a Comissão possa conhecer melhor o que são os objectivos, os métodos e o alcance da Supervisão Prudencial, anexo um conjunto de documentos do Comité de Basileia e do Fundo Monetário Internacional, incidindo estes últimos sobretudo no Financial Sector Assessment Program que foi realizado sobre a supervisão financeira no nosso país, solicitando a V. Exa. que se digne mandar distribuir a todos os membros da Comissão juntamente com uma cópia desta carta.

Com os meus melhores cumprimentos, e elevada consideração,

Vitor Constancio

Vitor Constâncio

- ANEXOS:
- Core Principles for Effective Banking Supervision, BIS, Oct 2006
 - Basel Core Principles for Effective Banking Supervision, BdP

“Boa parte das minhas poupanças desapareceram”

Presidente da República diz que não escondeu ter tido acções do SLN e que é vítima da crise.

Alexandra de Almeida Ferreira
alexandra.ferreira@economico.pt



Cavaco Silva, Presidente da República

No mesmo momento em que negou que tenha escondido o facto de ter tido acções da SLN, o Presidente da República explicou ontem aos portugueses que também ele e a sua mulher foram vítimas da crise que varreu os mercados de capitais: "Eu e a minha mulher, antes de eu estar nesta posição, quando éramos apenas professores, não tínhamos as nossas poupanças debaixo do colchão, nem tão pouco no estrangeiro. Entregámos as nossas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN, para eles gerirem as nossas poupanças. Esperávamos que eles gerissem as poupanças bem, que conseguíssem um bom rendimento. Infelizmente estamos a perder muito, muito dinheiro. Boa parte das nossas poupanças estão desaparecidas", afirmou.

Depois de, no último Sábado, o "Expresso" ter revelado que o Presidente e a sua filha venderam, no final de Novembro, acções que tinham da SLN, Cavaco Silva veio garantir que nunca escondeu nada. A notícia do semanário afirmava que Cavaco Silva e a sua filha tinham vendido acções da SLN em 2003, três anos antes de ter chegado à presidência da República, e que ambos tinham ganho 147 mil e 210 mil euros, respectivamente.

O Presidente da República esclareceu que o investimento nesses títulos foi feito por "um banco" a quem entregou as suas poupanças. "Recentemente foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte - há muitos anos, muitos anos antes de ser Presidente da Re-

O Presidente da República veio esclarecer que as acções que deteve na SLN foram compradas pelos bancos onde aplicou as suas poupanças e disse que, desde que assumiu o cargo, não detém acções em empresas portuguesas.

pública - acções da SLN. Não é verdade. E se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer", afirmou Cavaco Silva.

O Chefe de Estado remeteu ainda para um comunicado emitido em Novembro do ano passado em que esclarecia que as suas poupanças e da sua mulher foram entregues a quatro instituições financeiras que, por seu turno, fizeram aplicações em acções de diversas entidades, incluindo da SLN. "Em Novembro do ano passado emiti um comunicado dizendo onde podiam ser verificadas todas as aplicações feitas pelos bancos gestores em acções do BCP, BPI, EDP, Jerónimo Martins, Brisa SONAE e também a aplicação que um banco fez em acções da SLN", frisou o Presidente da República. ■ Com Lusa.

Dias Loureiro será ouvido ainda este mês

Depois de num primeiro momento o Ministério Público ter admitido ouvir Manuel Dias Loureiro apenas num momento mais avançado da investigação ao BPN, tudo acabou por se precipitar. O ex-conselheiro de Estado abandonou o órgão de consulta do Presidente e pediu, por carta, para ser ouvido pela investigação ao banco de que foi administrador. Pinto Monteiro, em despacho, pediu a Cândida Almeida que o fizesse e, ontem, a procuradora-geral Adjunta que

dirige o Departamento Central de Investigação e Acção Penal confirmou que Dias Loureiro será ouvido este mês: "Vamos ouvi-lo o mais rapidamente possível". A procuradora adiantou que recebeu o despacho na última terça-feira e que a audição "tem de se coadunar com a estratégia que estava delineada com marcação de datas". "Podemos ouvi-lo sem prejuízo da investigação, mas também atendendo aos seus direitos de personalidade", disse. FT.



ID: 25388215

04-06-2009





LUÍS SILVA MORAIS

Professor da Faculdade de Direito de Lisboa



Banca à deriva?

As recentes afirmações produzidas na Comissão de Inquérito sobre o BPN são intoleráveis. Nestes tempos em que o cuidado ou a reserva institucional se vão convertendo numa recordação longínqua, importa salientar que as palavras contam e não podem ser usadas sem consequências. Não estando aqui em causa o papel desta Comissão de Inquérito, dando pelo menos uma imagem, conquanto pálida, de 'accountability', no sentido anglo-saxónico, encontra-se em questão a gravidade das palavras proferidas na audição da passada semana do ex-presidente do BPN.

Foi, na realidade, referido nessa audição, segundo os relatos existentes que, se fossem esmiuçadas todas as situações dos bancos portugueses se apurariam situações semelhantes às do BPN (o que se traduziria no colapso da banca portuguesa). Ora, essa afirmação - apesar do registo aparentemente burlesco em que uma parte dos trabalhos da referida audição parlamentar terá decorrido - é simplesmente intolerável. Não é admissível que a propósito de um caso a todos os títulos anómalo de funcionamento de um grupo financeiro se lance uma sombra sobre todo o sistema financeiro. Os mais pessimistas podem, porventura, invocar que esse caso surge na sequência de outros episódios problemáticos de supervisão que têm assombrado o nosso sector financeiro (praticamente desde o fim da OPA do BCP sobre o BPI, ao longo dos últimos dois anos). Contudo, independentemente desses problemas reais, a sua dimensão e a sua qualidade não justificam que se ponha em causa um valor essencial para a nossa economia que corresponde à imagem global do nosso sector financeiro (bem como a confiança que representa a quintessência do funcionamento de qualquer sistema bancário).

É essa perigosíssima deriva do discurso - habitualmente bem recebida pela crítica populista do sector financeiro - que acaba por originar, numa cadeia perversa, títulos bombásticos, como os produzidos, em registo pouco habitual, pelo El País, aqui ao lado, em Espanha (referindo-se a uma situação de "banca à deriva em Portugal").

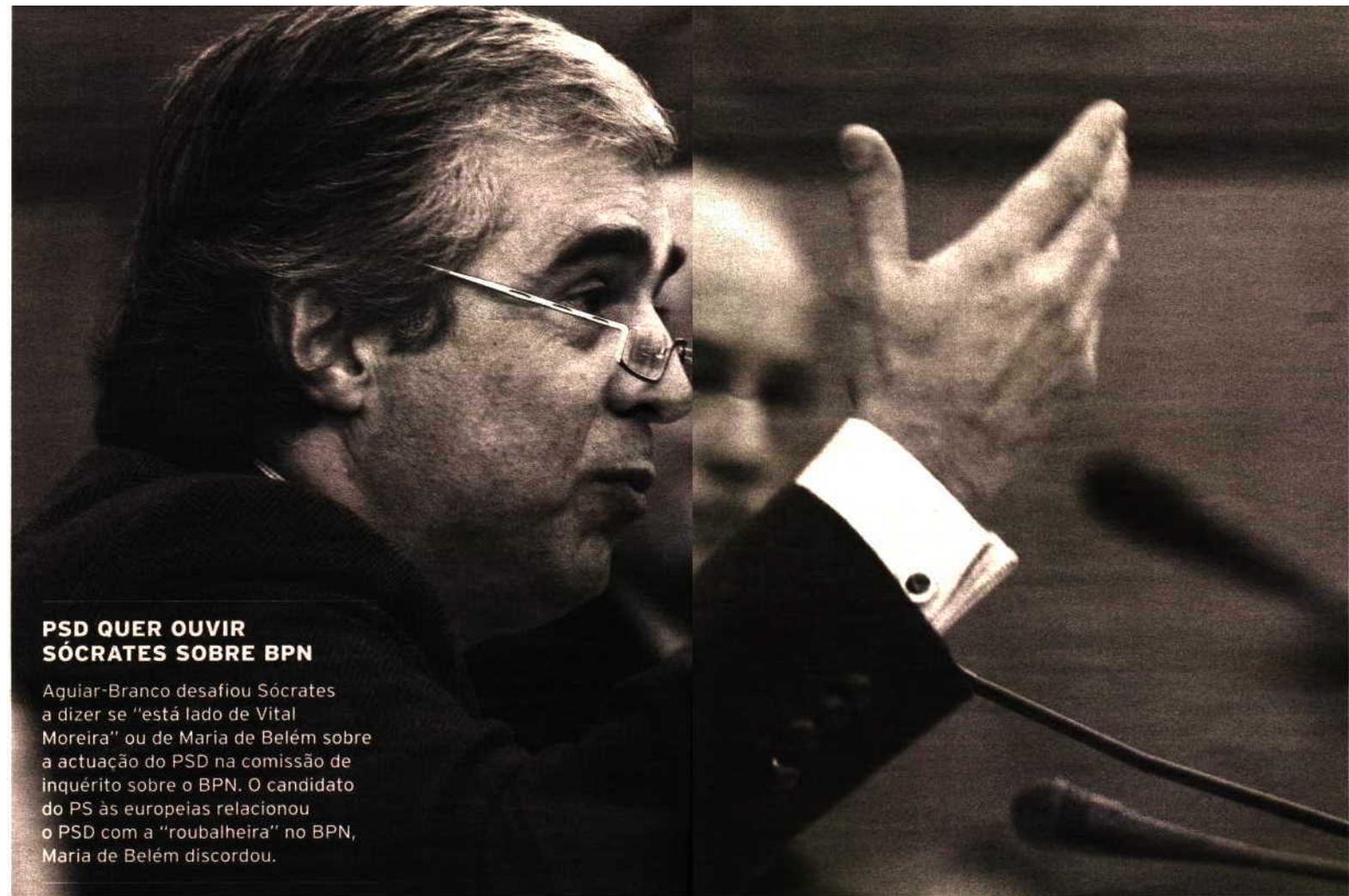
Os problemas verificados em alguns grupos - que não se contam entre os de maior dimensão - ou quanto a determinadas instituições, em momentos muito delimitados no tempo, não justificam avaliações globais negativas sobre o sistema financeiro nacional ("reconstruído", rees-

truturado e modernizado em tempo recorde na sequência das privatizações dos anos 90 e apresentando em muitos domínios níveis de excelência que não podem ser agora obliterados por erros localizados de algumas entidades).

Como já escrevemos, os erros e falhas de governo (ou gestão) das entidades sensíveis que são as instituições financeiras verificaram-se infelizmente nos últimos anos nos mercados mais desenvolvidos dos dois lados do Atlântico. Contrariamente ao tradicional fatalismo português, não estão em causa falhas particulares do sistema financeiro nacional (o que não invalida que a reforma do edifício da supervisão financeira em Portugal seja prioritária na próxima legislatura). O maior e particular risco a que no imediato estamos sujeitos reside numa eventual falta de responsabilização judicial tempestiva pelos problemas identificados (tendo em conta a situação do nosso sistema judicial). Sucede que a gravidade de palavras como as recentemente

Os problemas verificados em alguns grupos não justificam avaliações negativas sobre todo o sistema financeiro nacional.

proferidas, que tentam iludir responsabilidades particulares com alegações indiscriminadas e infundadas sobre a globalidade do sistema bancário nacional, tornam imperiosa uma conjugação de esforços no sentido da responsabilização efectiva e célere dos concretos infractores (separando, em devido tempo, "o trigo do joio", como também já escrevemos). Como escrevia Eugénio de Andrade, "são como um cristal as palavras. Algumas, um punhal, um incêndio". Sobretudo, as palavras não podem ser usadas impunemente e têm de produzir consequências (apesar da nossa aparente bonomia que se confunde excessivas vezes com uma crítica fácil e ácida, corroendo indistintamente a nossa sociedade e as suas instituições). Falta agora perceber como se poderá assegurar esse resultado final absolutamente necessário de responsabilização judicial em tempo útil dos infractores. ■



PSD QUER OUVIR SÓCRATES SOBRE BPN

Aguiar-Branco desafiou Sócrates a dizer se "está lado de Vital Moreira" ou de Maria de Belém sobre a actuação do PSD na comissão de inquérito sobre o BPN. O candidato do PS às europeias relacionou o PSD com a "roubalheira" no BPN, Maria de Belém discordou.

João Duque

Professor catedrático do ISEG



Onde está a ética?

Era notícia a possibilidade de vir a ser confiscada a Miguel Cadilhe, a indemnização paga pelo BPN, supostamente no valor de €10 milhões.

As beatas da moralidade logo aplaudiram de pé, com a inveja a escorrer-lhes pelos cantos da boca, num arfar de ódios a tudo e a todos quantos sucedem na vida e, por sua iniciativa e capacidade, conseguem o que eles mesmo não alcançaram.

E, avançando argumentos éticos, fizeram-se cálculos laboriosos para provar que se €10 milhões tinham sido o resultado de 6 meses de trabalho isso representaria um salário de mais de €55 mil por dia. Até me admirou como é que estas almas não fizeram o cálculo com base em dias úteis porque assim chegariam a números mais interessantes nas suas envinagradas perspectivas.

A primeira falácia deste raciocínio é o levar as pessoas a pensarem que os €10 milhões são o resultado do trabalho realizado em 6 meses. Segundo informação veiculada nos meios de comunicação social aqueles valores são a compensação por Miguel Cadilhe ter abdicado de uma reforma, dourada é certo, mas uma reforma obtida ao serviço do BCP. Por isso, se quer discutir a justiça do tratamento dado a Miguel Cadilhe não é pelos 6 meses passados no BPN mas pela reforma obtida no BCP.

Se se quer discutir a justiça do tratamento dado a Miguel Cadilhe não é pelos 6 meses passados no BPN mas pela reforma obtida no BCP.

Miguel Cadilhe terá pedido uma compensação pela perda que iria sofrer na sua reforma BCP ao aderir ao BPN porque assim havia sido contratualmente ajustado entre ele e a sua anterior entidade patronal. Tratou-se pois de um "passe", quase uma transferência à moda do futebol acordado entre duas entidades privadas que não deve, em meu entender, ser interferida pela Estado.

Mas pergunto eu aos arautos da ética, será ético ganhar muitos mais milhões em transferências de desportistas que me gastam os dias em cuecas, a correr atrás de uma tripa de porco, com o cabelo cheio de gel espetado em crista de galaró?

Será ético ganhar milhões em segundos, por palpite, num inesperado lance do Euromilhões, parte dele ganho à custa de esfarrapadas criaturas humanas viciadas no jogo?

Será ético que, homens de perfeita saúde e capacidade mental, que passaram uma temporada a bocejar nos Passos Perdidos cheios de vigor e saber, iniciem uma carreira pensionista a meio da vida activa?

O Capital não tem ética. Quem a tem são os seus protagonistas e nos dias de hoje a ética vai sendo muito requisitada quer para o bem quer para o desvario. ■

Cavaco Silva nega ter escondido acções da SLN

Presidente diz que entregou poupanças a quatro bancos e revela que está a perder dinheiro

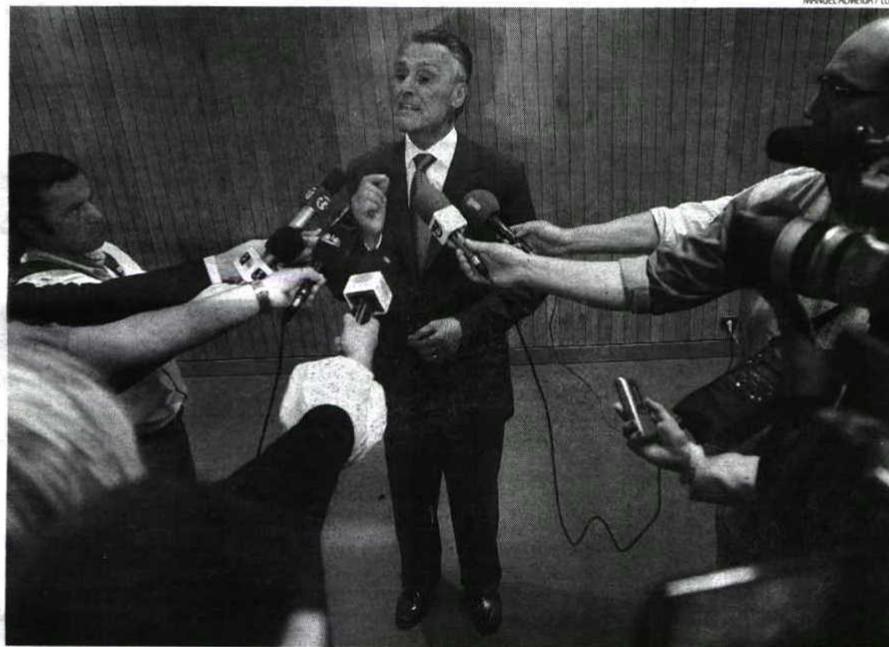
CATARINA CRAVEIRO
sociedade@jn.pt

O presidente da República garante nunca ter escondido que da sua carteira de acções faziam parte títulos da SLN. Nega, ainda, ter ganho dinheiro com o BPN e diz estar a perder muito com as poupanças que guardou nos bancos.

"Recentemente foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte acções da SLN (Sociedade Lusa de Negócios). Não é verdade. E se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer", afirmou Cavaco Silva, ontem à tarde, em declarações aos jornalistas, no final da entrega de Prémios Cotec.

Seguro dos seus investimentos, o chefe de Estado esclareceu ainda que as suas poupanças não eram guardadas debaixo do colchão, e muito menos no estrangeiro, e por isso foram entregues a quatro bancos, incluindo o BPN. "Esperávamos que eles as gerissem bem e conseguissem um bom rendimento, infelizmente estamos a perder muito dinheiro", afirmou o presidente, acrescentando que boa parte dessas poupanças estão desaparecidas.

Cavaco remeteu ainda para um comunicado emitido em Novembro do ano passado, altura em que o banco foi nacionalizado, em que



Presidente da República afirmou ontem ser muito escrupuloso no cumprimento da lei

esclarecia todas as aplicações feitas pelos bancos gestores, que fizeram aplicações em acções de diversas entidades, incluindo da SLN. "No meu comunicado consta mesmo o preço a que as acções da SLN foram compradas e o preço a que foram vendidas", afirmou o presidente. Para finalizar a declaração, Cavaco frisou: "Sou mui-

to escrupuloso no cumprimento da lei e por isso declaro tudo".

A reacção do governante surgiu na sequência de algumas notícias que deram conta que Cavaco Silva e a filha foram accionistas da SLN, detentora do BPN, entre 2001 e 2003, altura que ainda não era presidente da República. Com a venda das ac-

ções, o presidente teria tido um ganho de 147,5 mil euros, e a sua filha Patrícia teria lucrado 209,4 mil euros, segundo as mesmas notícias ■



VER VÍDEO

www.jn.pt/multimedia

Dias Loureiro invoca direito ao bom-nome

Dias Loureiro, antigo administrador da SLN, que detinha o BPN, invocou o direito ao bom-nome quando pediu ao procurador-geral da República para ser ouvido no inquérito criminal ao caso BPN. "Não sei que lei poderei invocar para fundamentar o pedido que venho fazer. Sei, no entanto, que todo o cidadão tem direito ao bom-nome", escreve Dias Loureiro na carta que enviou a Pinto Monteiro e que a agência Lusa teve acesso. A carta, com o despacho do PGR, foi enviada terça-feira ao Departamento de Investigação e Acção Penal (DCIAP), responsável pela investigação do processo BPN. Ontem, a coordenadora do DCIAP, Cândida Almeida, já confirmou que Dias Loureiro será ouvido o mais brevemente possível. Na missiva, Loureiro afirma estar cansado de ser alvo de "malévolas insinuações durante quase sete meses".



Cavaco está a perder dinheiro com poupanças que tem nos bancos P.6 



TERMÓMETRO



Arménio Vieira

ESCRITOR CABO-VERDIANO



A edição 2009 do Prémio Camões, que distingue escritores do mundo lusófono, é pela primeira vez entregue a um cabo-verdiano. "Desta vez, lembram-se do nosso pequeno país", disse o galardoado, sublinhando o carácter histórico da atribuição do prémio.



Cavaco Silva

PRESIDENTE DA REPÚBLICA



A resposta à notícia do "Expresso" de sábado tardou, mas surgiu. Ontem, o presidente da República desmentiu ter "escondido" a posse de títulos da Sociedade Lusa de Negócios, empresa proprietária do BPN. Disse que foi um banco ao qual confiou as poupanças que fez as aplicações, anos antes de ser eleito para Belém.

**CASO BPN**

Parte das poupanças de Cavaco desapareceu

O Presidente da República, Cavaco Silva, desmentiu ontem que tenha escondido que tinha na sua carteira acções da Sociedade Lusa de Negócios (SLN). Explicou que quando ele e a sua mulher eram professores entregaram as suas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN, para que as gerissem e que “boa parte” das mesmas “estão desaparecidas”.

“Não é verdade, e se eu digo que não é verdade, é porque estou perfeitamente seguro”, sublinhou Cavaco Silva para responder às notícias recentes

que davam conta de que o Presidente tinha tentado esconder a carteira de acções da qual faziam parte acções da SLN.

O Presidente da República explicou que ele e a mulher, quando ainda não tinha esta posição, não tinham as suas poupanças nem “debaixo do colchão”, nem no estrangeiro. “Entregámos as nossas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN”, para que eles as gerissem e conseguissem um “bom” rendimento.

Entre os investimentos feitos pelos quatro bancos esta-

vam acções da Jerónimo Martins, da EDP, Brisa, Sonae e “também a aplicação que um banco fez em acções da SLN”.

O responsável explicou que está a perder dinheiro. “Estamos a perder muito, muito dinheiro. Boa parte das nossas poupanças está desaparecida.” Cavaco Silva remeteu ainda para um comunicado, por ele divulgado em Novembro do ano passado, onde explicava os seus investimentos e onde citava uma fonte que indicava o preço a que as acções da SLN foram compradas e vendidas.



As eleições do PSD

De todos as questões mais ou menos relevantes (se o BE cresce, se o CDS passa ou não à irrelevância ou se o PCP ainda consegue mobilizar a sua envelhecida base de apoio), o que está em causa nestas eleições é saber se o PSD conseguiria, de uma vez por todas, assumir o seu lugar de alternativa à governação socialista.

O momento e as condições eram e são mais que favoráveis para o PSD: o País mergulhado numa crise profunda, popularidade do Governo em baixa e um candidato do PS que se revelou o maior erro político dos socialistas em muitos anos.

De facto, nem os mais pessimistas poderiam adivinhar tão desastrosa escolha.

Vital Moreira fez mais pelo PSD em duas semanas que a direcção de Ferreira Leite num ano. O professor de Direito de Coimbra, que ia elevar o nível da campanha, revelou-se um aprendiz de baixa política como provam as suas declarações sobre o BPN, onde, quer desminta quer não, tentou envolver o PSD nesse atoleiro de aparentes vigarices. Da Europa falou de um imposto que não quis explicar e, entre outras pérolas de amadorismo político, deu o dito pelo não dito sobre Durão Barroso.

Há pessoas que saem do Partido Comunista mas o Partido Comunista é que não sai delas.

A presença de Elisa Ferreira e Ana Gomes (que vestida de Miss Marple descobriu todos os males do BPN), candidatas às Câmaras do Porto e Sintra, contribuiu para exibir o desvario socialista. A falta de respeito pelas escolhas dos eleitores é demasiado óbvia. Quando for a campanha das autárquicas o que farão as duas semanas? Estarão a fazer campanha ou a

cumprir o mandato para que foram eleitas?

E se ganharem as câmaras, que dirão aos eleitores que votaram nelas para deputadas europeias?

A escolha dos sociais-democratas revelou-se muito satisfatória: Paulo Rangel, apesar da sua pouca experiência política e alguma incapacidade de mobilização das bases do partido, fez uma campanha muito boa. Mostrou que estará à altura do seu cargo no Parlamento Europeu e assume-se como um quadro com que o PSD terá de contar.

Se no início da campanha um resultado parecido com um empate técnico poderia parecer um bom resultado, dadas estas condições únicas será muito grave, para esta direcção do PSD, se não alcançar uma vitória clara.

E, realmente, com o decurso da campanha cresce a sensação que o PSD desperdiçará esta oportunidade de se afirmar como candidato factual ao Governo.

Numa eleição em que é fundamental a mobilização interna dos partidos, o PSD teve enormes dificuldades em fazer comícios e em gerar entusiasmo nos seus militantes. O caso do comício de Barcelos é evidente: quando o PSD não consegue encher uma sala no Minho – zona especialmente assolada pela crise e onde o PSD tem uma enorme militância – algo está muito mal.

Foi indistigável o distanciamento das estruturas locais face a esta campanha.



Pedro Marques Lopes

Vital Moreira fez mais pelo PSD em duas semanas que a direcção de Ferreira Leite num ano

Claro está que para isto contribui a dra. Ferreira Leite que, numas afirmações infelizes, declarou o fim dos comícios e demais acções de massas. Este tipo de discurso, aliás, faz permanecer a ideia de que existem dois partidos dentro do PSD, o das bases e o das elites, que para bem dos sociais-democratas urge fazer desaparecer.

Curiosamente, ou talvez não, e como tem acontecido ao longo do ano com as sondagens, o PSD melhora quando a presidente do partido está calada e piora quando Manuela Ferreira Leite faz declarações. Que será quando tiver de aparecer diariamente em comícios e entrar em debates com os outros candidatos como acontecerá na campanha para as legislativas?

Não chega ter um bom candidato (que tem de concorrer, para mal dele, com uma péssima campanha de marketing), o adversário político cometer erros em cadeia e a conjuntura ser favorável. O verdadeiro motor de uma vitória eleitoral é sempre o líder. É ele ou ela que tem de ser o verdadeiro mobilizador, o agente, no fundo, que marca a diferença.

Dia 7 de Junho saberemos se o PSD é de facto um partido que concorre às próximas legislativas para formar Governo ou se se está a transformar numa força partidária que se conforma em perder por poucos. ■

Gestor



ID: 25385175

04-06-2009

actual 2

reações

Não sei que lei invocar para o pedido. Sei que todo o cidadão tem direito ao bom nome
Dias Loureiro
ex-Conselheiro de Estado

Se eu digo que não é verdade é porque estou perfeitamente seguro que o posso dizer
Cavaco Silva
Presidente da República

Podemos ouvi-lo sem prejuízo da investigação, atendendo aos seus direitos de personalidade
Cândida Almeida
directora do DCIAP

Caso BPN. Dias Loureiro pediu, o Ministério Público aceitou. O ex-conselheiro de Estado vai dar a sua versão sobre o negócio de Porto Rico, um dos nove processos relacionados com o BPN

PGR ACEITA PEDIDO DE DIAS LOUREIRO PARA SER OUVIDO

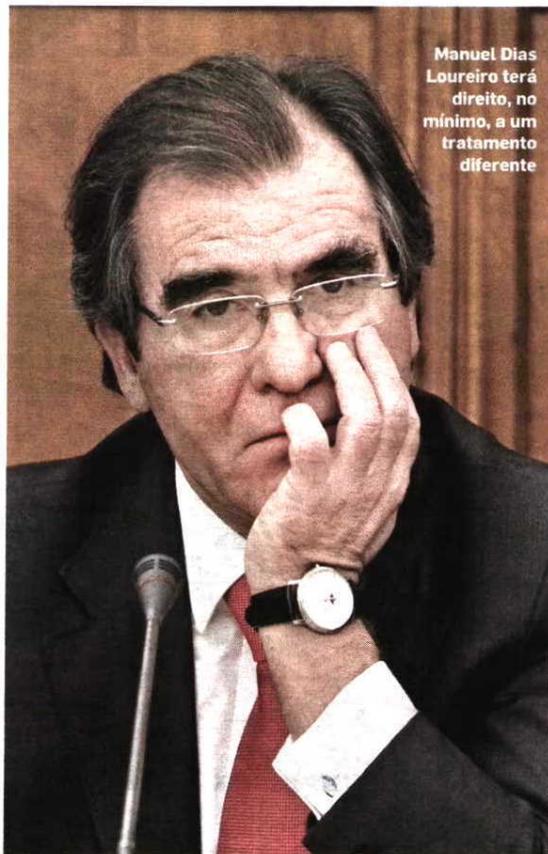
■ CARLOS RODRIGUES LIMA

Dias Loureiro vai ter a oportunidade de contar ao Ministério Público a sua versão sobre o chamado negócio de Porto Rico, ainda durante este mês. O ex-conselheiro de Estado pediu ao procurador-geral da República para ser ouvido, no âmbito do inquérito a que o Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP) tem em curso, e Pinto Monteiro fez-lhe a vontade três dias depois de ter recebido o pedido. Uma decisão que já foi considerada como excepcional. Segundo referiu ao DN fonte do Ministério Público, já que o procurador poderia ter remetido a carta aos magistrados que têm o processo e serem eles a decidir.

Na carta endereçada ao PGR, Dias Loureiro invoca o seu "direito ao bom nome" para ser ouvido pe-

los procuradores que estão a conduzir as investigações. "Por isso mesmo, senhor procurador-geral da República, atrevo-me a pedir para ser ouvido nos autos de inquérito sobre o 'caso BPN'", foi assim que Dias Loureiro terminou a carta. E foi com base nos "direitos de personalidade dos cidadãos" que Pinto Monteiro solicitou à directora do DCIAP, Cândida Almeida, para que "dentro das possibilidades permitidas pela investigação" Dias Loureiro seja ouvido. Ontem, Cândida Almeida anunciou que o ex-conselheiro de Estado será inquirido ainda este mês. "É um direito que as pessoas têm: ser ouvidas e dar a sua posição", afirmou aos jornalistas, considerando que a audição será uma mais-valia para a investigação.

Ainda na semana passada, antes da entrega da carta, fontes do Ministério Público garantiram ao DN que o caso relativo ao negócio de Porto Rico (um dos nove inquiridos em curso rela-



Manuel Dias Loureiro terá direito, no mínimo, a um tratamento diferente

cionados com o BPN) não estava no topo das prioridades. Mas sim a investigação a Oliveira e Costa. O ex-presidente do banco encontrase preso preventivamente, logo, até pelos novos prazos do Código do Processo Penal, o processo deveria ser prioritário.

A carta de Dias Loureiro e "o alarme social à volta do seu envolvimento no caso BPN", como disse fonte judicial, poderão ter obrigado o procurador-geral da República a abreviar caminho e a "sugerir" aos investigadores a audição do ex-conselheiro de Estado. "O

procurador-geral poderia ter remetido a carta para o processo e a decisão ser dos magistrados que investigam. Remeteu na mesma, mas com a sugestão para Dias Loureiro ser ouvido. Com isto também poderá querer responder a muitos comentadores que se indignam quanto ao facto de Dias Loureiro ainda não ter sido ouvido", argumentou um juiz que solicitou o anonimato.

Contactado pelo DN, Dias Loureiro, que se encontra no Brasil, apenas disse estar "satisfeito" com a decisão de Pinto Monteiro PGR. ■

Cavaco garante que não escondeu acções da SLN

Presidente diz que negócio foi feito por um banco. Mas a SLN não estava cotada na Bolsa de Lisboa

O Presidente da República garantiu, ontem, que não escondeu ter comprado e posteriormente vendido acções da Sociedade Lusa de Negócios, a holding que controla o BPN. Cavaco Silva explicou que quem fez a operação foi um "banco" a quem estavam confiadas as suas poupanças e da sua mulher.

Porém, o Chefe de Estado não explicou de que forma é que as acções foram adquiridas. Isto porque a SLN não estava (nem está) cotada na Bolsa de Valores, logo não é um "investimento aberto" à disposição dos investidores.

Por outro lado, em Novembro de 2008, através de comunicado, a Presidência da República garantiu que Cavaco Silva "nunca comprou ou vendeu nada ao BPN ou a qualquer das suas empresas". Ora, o ponto é pouco explícito porque o Grupo SLN está dividido entre uma parte financeira, o banco, e uma não financeira, que agrupa, isso sim, empresas. ■

Sou muito rigoroso no cumprimento da lei. Quem diz que ocultei acções da SLN não está a dizer a verdade



Aníbal Cavaco Silva
Presidente da República

Oposição quer Constâncio fora

Só o PSD é mais recuado, mas sociais-democratas dizem também que é "preciso mudar" no BdP

■ SUSETE FRANCISCO

Os partidos da oposição parlamentar pediram ontem a saída de Vítor Constâncio do cargo de governador do Banco de Portugal (BdP). Em causa a supervisão (ou a falta dela) no entender de PSD, PCP, CDS e BE) às irregularidades no Banco Português de Negócios (BPN). Mas não só.

Num debate de actualidade pedido pelo PCP, o deputado comunista Honório Novo acusou o PS de

permitir que a comissão parlamentar de inquérito ao caso BPN "fique subjugada" à recusa do Banco de Portugal de facultar documentos pedidos pelos deputados. Uma "obstrução" aos trabalhos da comissão que, acrescentou, "devia fazer corar de vergonha o dr. Vítor Constâncio e esta maioria absoluta que às vezes parece mais uma maioria absurda".

Ainda que menos taxativo quanto à saída de Constâncio, o social-democrata Hugo Velosa de-

fendeu que "tal como no País, no governo e no Banco de Portugal é preciso mudar, para que não voltem a acontecer situações como a do BCP e do BPN". Já Mota Soares, do CDS, não poupou nas palavras: "O País já percebeu que o governador foi relapso e incompetente". Para João Semedo (BE), "o dr. Vítor Constâncio diz ter a consciência tranquila, mas a leveza da sua consciência pesa muito no bolso dos portugueses". Pelo governo, o ministro dos Assuntos Parlamentares, Augusto Santos Silva, acusou a oposição de fazer um "ataque descabelado", motivado pela fase de campanha eleitoral. ■



Três dias após ter recebido a carta de Dias Loureiro, PGR deu instrução para a sua audição



ID: 25385175

04-06-2009

PGR dá tratamento de excepção a Dias Loureiro no caso BPN

Processo. Ex-conselheiro de Estado disse ao DN estar "satisfeito" com a decisão do procurador

Dias Loureiro atreveu-se a pedir ao procurador-geral para ser ouvido no caso BPN. Três dias depois, Pinto Monteiro fez-lhe a vontade,

sugerindo mesmo aos procuradores que estão a investigar o caso que, tendo em conta o direito ao bom-nome, o ex-conselheiro de Es-

tado fosse ouvido com rapidez. Dito e feito. A directora do DCIAP, Cândida Almeida, anunciou que a audição será ainda este mês. En-

tretanto, Cavaco Silva falou ontem da sua ligação ao BPN, negando ter escondido a venda de acções da Sociedade Lusa de Negócios

(SLN) e revelando que as suas poupanças estão "desaparecidas", por causa da crise financeira. **ACTUAL, pág. 4**



PUB

www.edp.pt

estamos a produzir mais 2.900 MW de energia
limpa no reforço e construção de barragens



sinta a nossa energia

Diário Económico

Toda a actualidade em www.economico.pt



QUINTA-FEIRA, 4 DE JUNHO 2009 | Nº 4645 | PREÇO (IVA INCLUIDA): CONTINENTE 1,60 EUROS | DIRECTOR ANTÓNIO COSTA | DIRECTOR-ADJUNTO BRUNO PROENÇA | SUBDIRECTORES FRANCISCO FERREIRA DA SILVA | PEDRO SOUSA CARVALHO

Inquérito Constâncio diz, em carta aos deputados, que fez o que podia no caso BPN. - P24

Empresas McDonalds abre quatro cafés e entra em guerra com Starbucks. - P22

Suplemento Saiba quais são as empresas mais sustentáveis em Portugal



A três dias das eleições PS e PSD só falam de problemas nacionais

As campanhas eleitorais em toda a Europa ficaram marcadas pela discussão dos problemas nacionais. Em Portugal e na Alemanha, as europeias serão a primeira volta das legislativas.

↓
Marcelo apela ao voto de protesto e Vitorino defende que europeias não devem servir para julgar o Governo.

↓
No suplemento, a sondagem da Marktest dá empate técnico a PS e PSD, com Rangel ligeiramente à frente.



Benfica, Sporting e Porto precisam de 90 milhões para sair da falência

As Sociedades Anónimas Desportivas dos três maiores clubes portugueses precisam de 90 milhões de euros para fugirem à falência técnica em que se encontram. A situação está a provocar dores de cabeça aos dirigentes que já têm de lidar com um passivo conjunto de 440 milhões. - 16



32,9

Benfica é o que precisa de maior volume de capitais próprios.



30,4

Sporting renegociou o passivo, falta-lhe agora rever a situação líquida.



26,4

F.C. Porto é o clube que está em melhor posição na disputa da recapitalização.

“Recuperação económica vai ser lenta e difícil”

António Horta Osório afirma, na primeira entrevista concedida depois de ser nomeado administrador do Banco de Inglaterra, que Portugal tem de fazer “um esforço significativo” para recuperar. O presidente do Abbey National diz que não está surpreendido com a resistência da banca portuguesa. - P4 A 7



Ricardo Salgado acredita na salvação da Qimonda Solar
Consórcio da EDP terá “apelo aberto” do BES - P20

Repsol quer invadir o Norte com combustíveis espanhóis

A espanhola Repsol prepara-se para atacar o negócio da Galp no Norte através da construção de um ‘pipeline’ Vigo-Porto. - P18

PUB

T 226 196 260
226 196 259
E info@ege.pt
S www.ege.pt

ege ATLANTIC BUSINESS SCHOOL
LEADING THE FUTURE

Unesco diz que Sintra faz má gestão do património cultural

Unesco alerta Portugal para os problemas detectados na gestão e conservação do património cultural classificado de Sintra. - P38

▼ PSI 20	-0,8%	7.208,58
▼ IBEX 35	-2,07%	9.464,8
▼ FTSE 100	-2,09%	4.383,42
▼ Dow Jones	-1,24%	8.632,87
▼ Euro	-1,70%	1,4138
▼ Brent	-1,52%	66,35

Ints Kallins / Reuters





ELEIÇÕES EUROPEIAS

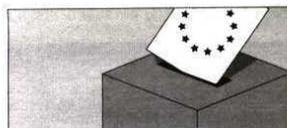
Oposição passa à “artilharia pesada” nos ataques ao partido do Governo

Acusações sobem de tom na recta final da campanha. BE diz que o PS quer legalizar o trabalho infantil

Pedro Elias



Paulo Portas | Líder do CDS/PP reclamou ontem “o direito a ir à feira” de Santarém este sábado, dia de reflexão.



Na recta final da campanha eleitoral para as eleições europeias deste domingo, as críticas da oposição subiram de tom e o alvo foi coincidentemente o mesmo: o partido do Governo.

As acusações mais enfiadas vieram do cabeça-de-lista do Bloco de Esquerda, com Miguel Portas a acusar o PS de querer “legalizar o trabalho infantil”. Em campanha pelo ‘bastião comunista’ da margem Sul do Tejo, Miguel Portas começou por recuperar a proposta para o direito à reforma depois de 40 anos de descontos, argumentando que essa medida permitiria assegurar “uma terceira idade com dignidade”, além de possibilitar a abertura do mercado aos jovens, tendo ainda proposto uma “suspensão temporária das regras do trabalho” para travar a “gangrena do desemprego”. Dado o mote, aproveitou para “denunciar com todas as letras e com toda a gravidade” a proposta do PS “no sentido de legalizar o trabalho infantil”, por “permitir que jovens com menos de 16 anos desde que tivessem a escolaridade obrigatória pudessem começar a trabalhar”.

Também o cabeça-de-lista do PSD cerrou fileiras contra o Gover-

no, acusando-o de ser o responsável pela crise. “Se [os portugueses] querem esperança, se querem um partido que compreendeu a natureza da crise e que tem armas eficazes para a combater, têm de dar um sinal reforçado no PSD”, reiterou. Elisa Ferreira, número quatro da lista do PS a Estrasburgo e também candidata a presidente da Câmara do Porto, admitiu que a crise e o desemprego são “muito graves” para recomendar a vitória do PS. Porque “é muito importante que no centro da agenda de relançamento da Europa, que é defendida pelos socialistas, esteja a questão social do trabalho”.

Ferreira Leite “trava” Passos

O dia ficou ainda marcado pela troca de comentários azedos entre Paulo Portas e o ministro da Agricultura, com o líder do CDS-PP a reclamar “o direito de ir à feira” de Santarém no sábado, depois de Jaime Silva ter considerado que fazer campanha no dia de reflexão só pode ser “desespero”.

Recados, mas para dentro, foram também dados pela presidente do PSD. Manuela Ferreira Leite afirmou que a frase do social-democrata Pedro Passos Coelho, que considerou que o partido está obrigado a ganhar as eleições europeias para ir “com ânimo” para as legislativas, não tem cabimento em democracia. “Em democracia essa frase não existe”. EG/LUSA

BPN e Freeport : fogo-cruzado entre Vital e Rangel

Os “casos nacionais” BNP e Freeport voltaram ontem a servir de arma de arremesso entre os cabeça-de-lista do PS e do PSD. Ainda que não tenha levado o assunto para as ruas, Vital Moreira colocou um novo “post” no blogue Causa Nossa em que insiste para que a liderança social-democrata se demarque da “trampolinice” que aconteceu no BPN. “Que misteriosa força impede o PSD do gesto elementar de retirar a confiança partidária aos responsáveis por tanta trampolinice financeira?”. “Mesmo depois do “desaparecimento” de valiosa parte da colecção de arte do banco, o PSD continua sem se dissociar do escândalo”. Paulo Rangel, por seu turno, insistiu que Lopes da Mota deve sair da Eurojust por ter “um processo disciplinar por pressões”, considerando que o Governo “é cúmplice” ao não o afastar. “O Governo nada fez para afastar, como é sua competência, o presidente da Eurojust e Portugal continua numa situação insustentável nas instituições europeias”.

FRASES DO DIA

[É liberal?] Eu não tenho uma definição sobre essa matéria... O que eu digo é: no plano económico, sou defensor da iniciativa privada, naturalmente, mas também de uma intervenção do Estado.

PAULO RANGEL

Cabeça-de-lista PSD

Parte dos problemas de emprego pode resolver-se com direito à reforma depois de 40 anos de descontos.

MIGUEL PORTAS

cabeça-de-lista do BE

O MEP pode ser eleito e pode ter expressão europeia a partir do dia 8 de Junho.

LAURINDA ALVES

Cabeça-de-lista do MEP

Vou lá estar [sábado, dia de reflexão] ao lado dos agricultores. Não sei se vou falar ou não, mas vou lá estar.

PAULO PORTAS

Líder CDS-PP

As pessoas estão muito descrentes, mas não podem apenas indignar-se, também têm de intervir.

ILDA FIGUEIREDO

Cabeça-de-lista CDU

AGENDA

PS

Mercado do Bolhão, no Porto (9h); Almoço com personalidades da Área Cultural, na Casa da Música, no Porto (13h); Visita à empresa Alert Life - Vila Nova de Gaia (15h30); Arruada em Sta. Catarina (17h30); Comício no Pavilhão de Desportos e Congressos, em Matosinhos (21h).

PSD

Reunião na Tecmaia - Parque de Ciência e Tecnologia da Maia (9h30); escola de Valbom, em Gondomar (11h); almoço numa IPSS em Baião (13h); Centro Social de Santa Cruz do Douro (14h30); café Majestic e passeio pela baixa do Porto com Ferreira Leite (16h30); jantar com distritais e concelhias do Porto na Fundação Cupertino de Miranda (21h); encontro com jovens na Esplanada JBCAFÉ, em Espinho (23h).

CDU

Feira de S. Cosme (10h); almoço com dirigentes sindicais em Gondomar (12h); arruada no centro do Porto (18h); comício na Avenida Central, em Braga, com Ilda Figueiredo e o líder do PCP, Jerónimo de Sousa.

CDS/PP

Visita à artesã Maria Helena

Pedro Silva (10h); feira de Barcelos (11h); Cooperativa Agrícola de Vila Nova de Famalicão (15h); Festival Internacional de Jardins em Arcozelo, Ponte de Lima (17h); Jantar em Viana do Castelo (20h30).

BE

Debate na Rádio Renascença (manhã); iniciativas no distrito do Porto, à tarde; à noite, comício no Porto com a participação musical dos “Gaiteiros de Lisboa”.

Movimento Esperança Portugal (MEP)

Arruada em Santarém (9h); em Peniche (12h); nas Caldas da Rainha (13h); em Alcobça (15h); em Leiria (18h30); jantar comício em Leiria (20h30).

Movimento Mérito e Sociedade (MMS)

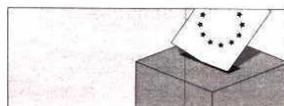
Castelo de Guimaraes (8h); Monumento de Homenagem ao General Humberto Delgado no Porto (10h30); Mosteiro da Batalha (13h); Praça do Município em Lisboa (16h); Padrão dos Descobrimentos e Torre de Belém (16h45); Largo do Carmo (18h); Largo de Camões e no Chiado (18h45); Instituto Jean Monet (19h15); Faculdade de Medicina de Lisboa (20h).



Especial Eleições europeias

Campanha está mais online, mas o sucesso não dispensa beijinhos

Europeias são o primeiro teste eleitoral à Internet, onde partidos tentam mobilizar e dar proximidade à política. **ANTÓNIO LARGUESA**



Nos EUA resultou, mas por cá pode nunca chegar a haver uma resposta definitiva. Pelo sim, pelo não, os partidos nacionais aproveitam a "boleia" da candidatura democrata de Obama para inaugurar a era da política 2.0 num ano com três idas às urnas. Se pode ajudar a mobilizar um eleitorado já identificado com um candidato, os especialistas não acreditam que a Internet decida eleições. A influência da rede ainda só chega a uma franja minoritária do eleitorado – portadora de mais jovens e urbano – e quem vota deseja um político do quotidiano.

Os sites e blogs já entram no catálogo da pré-história da "Net" – apesar do PSD ter inovado ao criar uma página para os diversos actos eleitorais de 2009 – juntando-se mecanismos mais recentes como o Youtube, Hi5, Facebook, Twitter ou Flickr. Ferramentas e redes sociais onde não basta estar, mas onde a comunicação tem de ser bidireccional e quase íntima com os cibernautas.

A Internet não é um fim, mas um meio, lembram os especialistas em comunicação política [ver entrevista na página seguinte], de pouco valendo a um político ter 3.000 amigos no 'Facebook' se não os alimenta com informação atractiva e menos politizada. "Usar a Net somente para divulgar ideias e políticas é como comprar um Porsche para andar na cidade: um aparatoso desperdício", resumiu Paulo Querido, jornalista especializado na rede, na sua webzine pessoal (pauloquerido.pt).

Paulo Rangel tem 832 apoiantes no 'Facebook', as mensagens de 140 caracteres de Vital Moreira no 'Twitter' chegam directamente a 407 cibernautas. Com 115 "amigos" e 187 comentários ao perfil da página, a comunista "Festa do Avante!" globalizou-se no 'hi5' – uma rede social a que acederam 3,2 milhões de portugueses no ano passado, segundo um estudo da Marktest. E os so-

cialistas até contrataram a Blue State Digital, que desenvolveu a campanha online e multimédia de Barack Obama, na esperança de replicar um modelo de sucesso que garante a renovação da maioria absoluta nas legislativas.

Mas a plataforma virtual – como símbolo da democratização da informação – é também um meio de excelência para a promoção dos partidos mais pequenos, sem tempo de antena na televisão, excepto o obrigatório por lei durante as campanhas. É na "Net" que o PNR espalha há vários anos os seus ideais nacionalistas, e foi online que, por exemplo, o Movimento Esperança Portugal ganhou força e se organizou para concorrer às europeias com a ambição de eleger Laurinda Alves como eurodeputada.

O perigo da "imagem artificial"

"É uma contradição que um candidato que queira governar um povo, não queira ou não esteja disposto a misturar-se com as pessoas que vai governar e conhecer de perto as suas inquietudes", refere Yuri Morejón, especialista em comunicação política e eleitoral. Sobretudo num tempo em que se liga menos à ideologia, acrescenta, "interessa-lhes que o candidato seja próximo, honesto e normal". O objectivo é claro: criar uma identificação, que não resulta se "o eleitor não tiver a possibilidade de o conhecer e ver na rua, e se o candidato não o vai saudar nos comícios, dar dois beijos e falar dois minutos sobre o seu problema".

A presidente do PSD, Ferreira Leite, já reconheceu que "se tivesse neste momento que fazer um comício seria a maior das violências" que lhe pediriam, dando "graças a Deus" por ter acabado a era dos grandes ajuntamentos populares. Ao **Negócios**, Morejón, director da Yescom Consulting, que trabalhou em campanhas na Espanha e América Latina, apenas vê na declaração duas virtudes: sinceridade e honestidade. Porém, sublinha, "um assessor não pode nem deve mudar a personalidade de um candidato", que deve ser autêntico.

PE dá bastidores da eleição no 'twitter'

Nas vésperas das eleições, o Parlamento Europeu criou um perfil na rede social

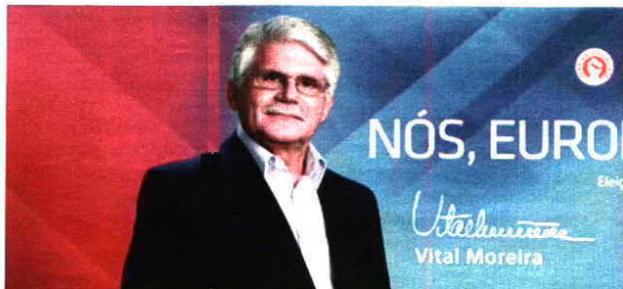
Twitter, que envia informação actualizada dos preparativos para a noite eleitoral nas 22 línguas oficiais da União Europeia. Estes "tweets" "Especial Eleições" contêm notícias e novidades dos "bastidores" sobre a corrida às urnas, e terão também informação actualizada sobre as projecções e resultados na noite de domingo. Pode seguir em português em twitter.com/EU_Elections_PT. Se preferir uma noite "offline", o gabinete do Parlamento Europeu em Lisboa (Largo Jean Monnet) abre portas às 19.30, transmitindo, em tempo real desde Bruxelas, diversos debates e o anúncio das sondagens, resultados e dos novos eurodeputados nos 27 países da UE.

O 'twitter' de Vital Moreira, candidato do PS às europeias, estava a ser "seguido" por 407 cibernautas (contagem até às 17h de ontem).

Na página de Paulo Rangel na rede social 'facebook', o cabeça-de-lista do PSD contava com 832 "apoiantes", às 17h de ontem.



O candidato não tem um contacto visual directo com quem vê o cartaz. Sendo de centro-esquerda, aparecer sem gravata é sintomático, dá valor acrescentado. É interessante vir assinado com a sua própria letra, como um compromisso. O slogan 'Nós europeus', é curto e directo, mas devia ser é inclusivo para atrair votos dos outros partidos. Usa as letras maiúsculas quando está provado que minúsculas lêem-se melhor.

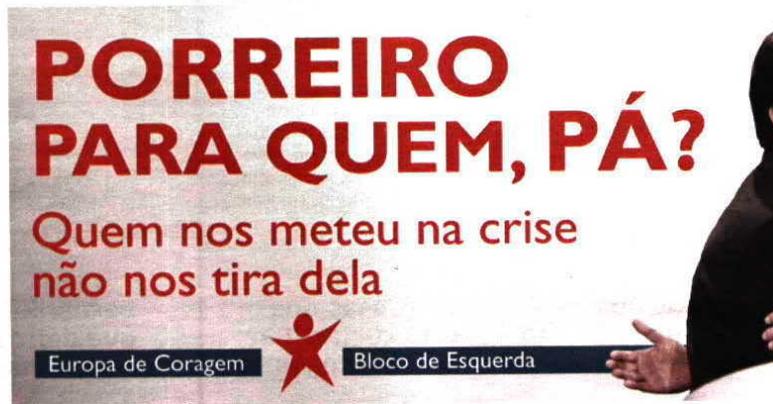
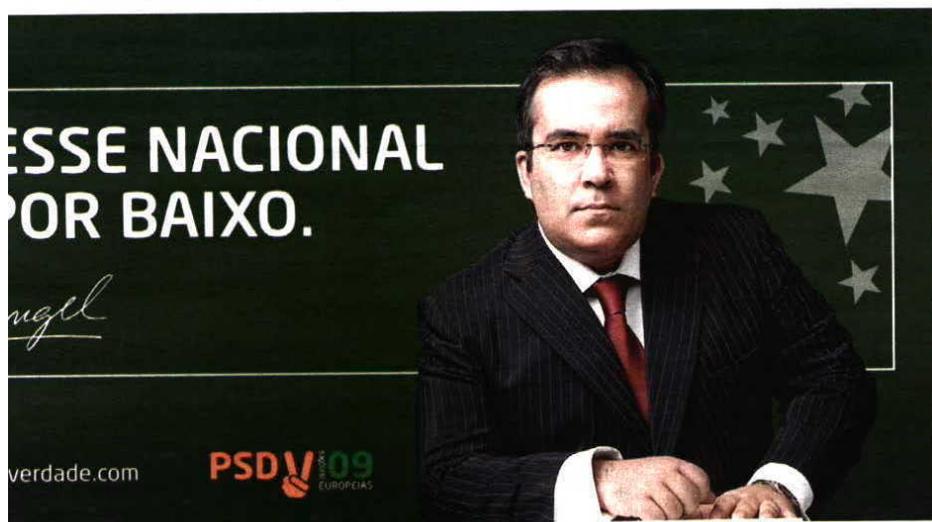


Quatro linhas de texto é demasiado, ainda por cima em maiúsculas. O lema é contundente e duro, e o ponto final, tão visível, como que fecha em força a ideia e joga com o símbolo do CDS. A fotografia tirada de baixo dá sensação que é maior, mas uma imagem arrogante. Os braços cruzados não são a melhor pose, não se vêem as mãos, fecha-se sobre ele próprio. A pose de homem de negócios produz mais repulsa do que confiança. Positiva a inclusão da página web e a referência às europeias. Devia aparecer o seu nome, especialmente se não é muito conhecido no País.



OS CARTAZES 'VISTOS' POR QUEM SABE

O slogan é inclusivo, mas não diz grande coisa. Assina com a sua letra, compromete-se com o que promove. O fato de riscas não é adequado, resulta como distante para os jovens, tal como a expressão demasiado séria. Fala para todos os portugueses mas a imagem é muito orientada para o centro-direita. É positivo aparecer a página web, que tenha algo inovador. A postura do corpo é ameaçadora. Devia ver-se melhor as mãos e não mostrar tanto as mangas da camisa.



Utiliza minúsculas, é mais fácil de ler e eficaz. Aparece sorridente, a olhar nos olhos ao eleitor, aparece o seu nome. O logo é velho e arcaico - não há marca própria da coligação - mas não se pode mudar. A página web não aparece. O slogan não diz grande coisa, mas em baixo resume-se em quatro pontos as suas prioridades. "Justiça social" é a chave. Sem o logo não diria que é um cartaz do partido comunista, poderia ser de um social-democrata moderado. Ilda não tem imagem de pessoa tradicional de esquerda. Vendo o cartaz de longe, o fio ao pescoço pode parecer um crucifixo.



PERGUNTAS A ...

● YURI MOREJÓN

ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO POLÍTICA E CAMPANHAS ELEITORAIS

Políticos cometem o erro de pensar que a Net é um fim

Os partidos portugueses estão a apostar nas redes sociais da Internet nestas eleições em 2009. Basta estar ali ou é preciso algo mais?

Não basta apenas estar na Net. Na política "2.0" é um muito bom instrumento para o candidato entrar em contacto com o eleitor, onde há uma conversação, um contacto bidireccional entre eles. Não só fala o candidato e o eleitor escuta, como era tradição na política, aqui o eleitor e votante sente-se escutado porque pode participar, propor, conversar e criticar o candidato. Há uma inter-relação facilitada pela Internet, que ainda por cima é gratuita. É um bom instrumento para chegar a um tipo de eleitor que normalmente não lê notícias, não vê telejornais, mas é um determinado tipo de eleitor, não todo o eleito-

rado. Os políticos sabem que a Net é necessária para chegar a muita gente, que é o lugar onde se informam cada vez mais, o lugar onde mais gente entra em contacto com outras através das redes sociais. Mas há políticos que tem 2000, 3000 amigos no Facebook, mas se não há essa relação em que um propõe e outro sugere, não serve para nada. Por vezes os políticos cometem o erro de pensar que a Net é um fim, não um meio de chegar a mais gente.

Como é que os partidos políticos devem mostrar o candidato?

Devem mostrá-lo como ele é, humanizando-o. Num tempo em que as pessoas não sentem afeição pela política, que as ideologias já não são tão determinantes para decidir o voto, onde é mais importante a própria economia do que a ideologia, elas já não creem nos políticos. O que muitos eleitores valorizam é que o político esteja próximo e tenha possibilidade de falar com ele pela Internet. E que se assemelhe a um cidadão normal. Como se pode fazer isso? Por exemplo, dando a conhecer o candidato com questões que ele não revela, porque no seu papel de político só fala de coisas sérias, da política em geral, de macroeconomia. Quais são os seus gostos, o que é que ele gosta de fazer nos seus tempos livres, que livros lê, que música ouve, que desportos faz? Porque se eu não gosto da política, e vejo que determinado candidato gosta de fazer 'jogging' ou de andar de bicicleta ou de ouvir Metallica, eu, que não gosto de política, vejo que esta pessoa está próxima, que é normal, que gosta das mesmas coisas que eu, já se está a romper uma barreira.

E há uma técnica para a difusão dessa nova informação?

Não se pode enviar informação igual para toda a gente. No fundo todos querem algo personalizado, como se fosse uma relação directa, real e privada entre o candidato e o eleitor. Tem de ser também informação atractiva e menos politizada do que o normal, tem que estar tudo muito mais simplificado.

A ironia, humor e jogo de palavras diferencia para chegar às pessoas. É mais dirigido aos jovens, usando a expressão informal "porreiro". Ilustra com duas pessoas muito conhecidas.

Com humor chega a muito mais gente do que falando do "interesse nacional", que é abstracto. O uso da palavra "crise" é directo, pois afecta a todos no dia-a-dia. Usar Barroso não garante votos, mas ridiculizar o primeiro-ministro e candidato do PS nas legislativas, pode valer votos.

E fá-lo em forma de pergunta, convida a reflectir e a agir em consequência.



Uma linha a mais É preciso ser pobre



Miguel Gaspar

Esqueçam Bruxelas. Esqueçam as legislativas. Esqueçam tudo. Esta campanha eleitoral não é sobre nada do que se tem vindo a dizer. Nem sobre a Europa nem sobre o país. Esta campanha é sobre ser-se pobre. Provavelmente é o que conta para se ser gente quando o país entra em estado de crise. As minhas suspeitas, ainda frescas, começaram ontem à tarde, quando lia a reportagem do PÚBLICO sobre os meios de campanha dos cinco partidos parlamentares. A coisa dá cinco a zero, cabazada mesmo e a favor do partido no poder. Ele é o autocarro catita, com as caras dos eurodeputados, o palco especial exclusivo para o chefe, a redação ambulante para os jornalistas. O resto? Uns carritos, nada de autocarros para militantes, e até na carne assada se poupa. Ricos e pobres, estão a ver? A coisa funciona assim. Aparece o candidato socialista, todo fresquinho e bem-disposto e ao lado passam os candidatos da oposição, suados por não terem ar condicionado, com a barriga a dar horas e nem um aventalzinho que se veja para oferecer aos eleitores e eleitoras. Moral da história? O cidadão em crise compra o partido pobrezinho e foge do partido

remediado. E desde o primeiro debate com os cinco cabeças de lista dos principais partidos no Prós e Contras que essa ideia era clara. Vital Moreira, o candidato socialista, aparecia satisfeito perante eleitores descontentes, puxando a glória à obra certa do Governo sem entender que os receios na cabeça dos eleitores dispensam o auto-elogio de quem desiludiu - ou não tem no mínimo resposta para oferecer a uma crise planetária e não o reconhece. Candidato pobrezinho, portanto, é candidato garantido, campanha poupadinha, a tostão, é campanha para ganhar. E como ainda por cima o que está a dar é a caça aos ricos do BPN - e Vital, fustigando o PSD com a "roubalheira" do PSD, tentava no fundo afastar de si esse anátema, mais contagioso que a gripe mexicana, que passou a ser A (H1N1) para não ser uma gripe dos pobrezinhos, que é o anátema de não ser pobre.

Nó entanto, foi só quando o Presidente da República emergiu nos telejornais da noite para relatar como as suas poupanças andam desaparecidas e levaram sumiço num qualquer buraco negro, que percebi tudo. Podemos abraçá-lo, consolar o senhor Presidente da República?

O Presidente não precisava de falar. Hoje, como há meses, criou uma ligação involuntária a esta história, ao tentar desligar-se dela

Dizer-lhe "obrigado" por ser pobre, tão pobre como nós, que queremos ser pobres e votar em pobres? Por revelar que não tinha o dinheiro nem no colchão, nem no estrangeiro.

Desculpem-me, mas eu cá há coisas em que sou um bocadinho conservador. Não estou sozinho. Revelou o *Expresso*, no sábado, que Cavaco Silva tinha dinheiros, uns 140 mil euros, na Sociedade Lusa de Negócios. Não consta que o Presidente tenha acumulado fortuna dentro ou fora da política ou que seja crime ter dinheiro nessa sociedade. Nenhum partido político entendeu dar valor à coisa. A questão do BPN não é a de ser o banco do PSD, como deselegantemente sugeriu o PS. A questão é o BPN ser o símbolo do tipo de sociedade que saiu do cavaquismo, do equívoco que foi o modelo de desenvolvimento cavaquista e ter despertado a memória desse período histórico que o tempo tinha tornado incompleta. É uma questão política. E não se pode dizer que o PS seja alheio a esse modelo em que a sociedade portuguesa cristalizou, em que a promiscuidade entre o poder político e o poder económico passou a ser mais do que tolerada e o combate à corrupção relegado para o terreiro das coisas incómodas.

Posto isto, o Presidente não precisava de falar. Não está sob suspeita. E hoje, como quando toda esta história começou há meses, criou uma ligação involuntária a esta história, quando tentava desligar-se dela. *Jornalista miguel.gaspar@publico.pt*



Europeias 09

Eleições Há uma discrepância de quase um milhão entre votantes e recenseados

Número dos que podem votar não bate certo com os recenseados

Especialistas dividem-se, há quem ponha a mão no fogo pelo Instituto Nacional de Estatística, há quem questione a sua fiabilidade

Sofia Branco

● Quase um milhão de pessoas separa o número de cidadãos maiores de 18 anos e, portanto, com capacidade para votar, e o número de recenseados. O primeiro, fixado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), é de 8.642.681, enquanto o segundo sobe para 9.562.141. Os especialistas ouvidos pelo PÚBLICO dividem-se nas explicações para este hiato.

Afinal, em que dados nos podemos fiar, no recenseamento ou no censo? Não há uma só resposta a esta pergunta. Tanto Jorge Miguéis, da Direcção-Geral de Administração Interna, como o politólogo Pedro Magalhães recusam que o problema esteja apenas nos dados do recenseamento eleitoral. Já o demógrafo Mário Leston

Bandeira acredita na fiabilidade do INE, enquanto o sociólogo António Barreto defende que uma só entidade devia coordenar os dois censos.

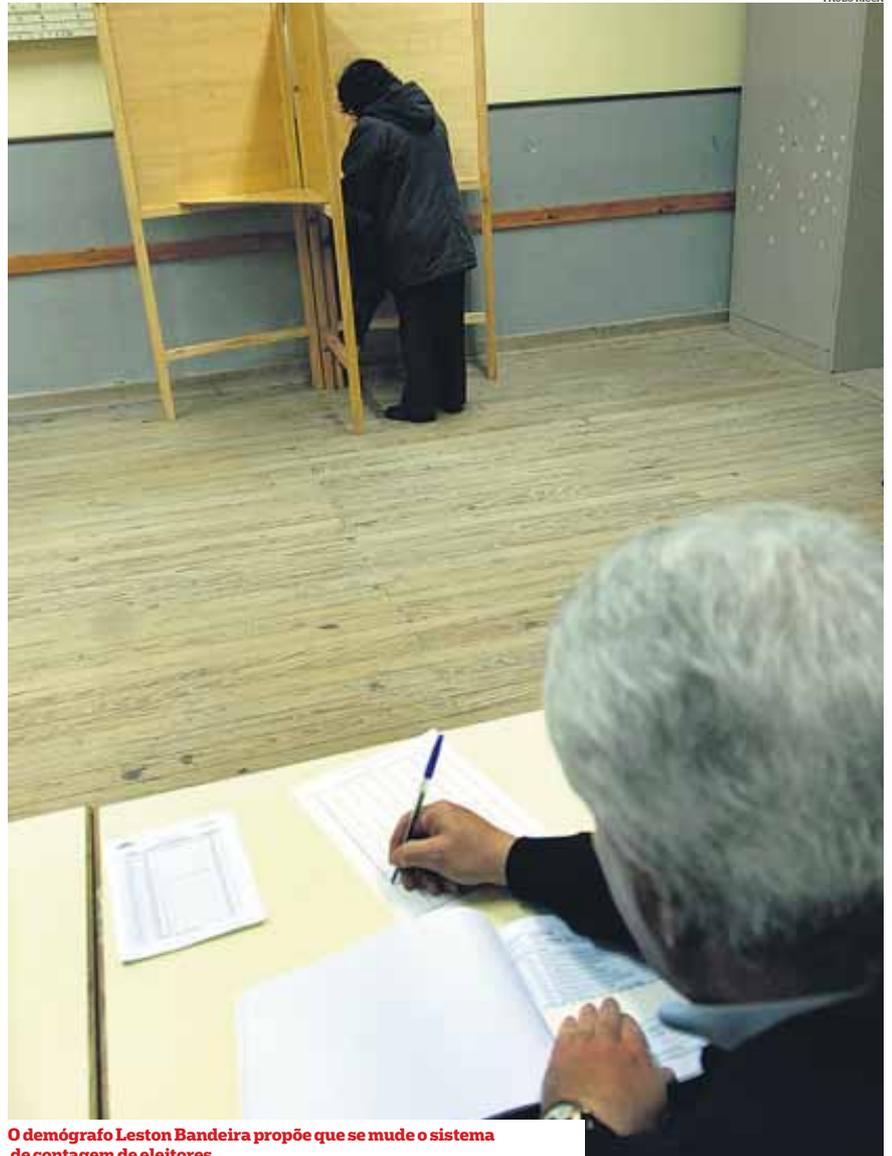
Miguéis rejeita a ideia de que aquele milhão de diferença diga respeito, na totalidade, às pessoas que morreram e ainda não foram retiradas dos cadernos eleitorais. "Há um rasto pequeno de pessoas que efectivamente já morreram e ainda constam dos cadernos. Mas são uns milhares de situações, não é um número astronómico como este", realça.

O técnico da DGAI avança com outra explicação, sobre os recenseados que não residem cá. "Um número provavelmente muito elevado tem a ver com as pessoas que não residem no país mas têm bilhete de identidade com residência em território nacional", avança, especificando que dos cerca de cinco milhões de portugueses residentes no estrangeiro apenas 207 mil estão recenseados.

"Todos os estudos que presumam que o recenseamento geral da população é o padrão de ouro podem não ser correctos, porque o censo foi conduzido em 2001 e as estimativas do INE que têm procurado actualizá-lo desde então são menos fiáveis", avalia Pedro Magalhães.

Jorge Miguéis reconhece que os números da Comissão Nacional de Eleições resultam de "um certo empolamento", mas vinca: "Por que se põem em causa os números do recenseamento e não os da população? Por que são estes a realidade absoluta, imaculada, intocável? Não quer dizer que o recenseamento não tenha mais defeitos do que o censo da população, mas não me parece sério dizer que uma coisa é a perfeição e outra é a imperfeição."

Os dois índices, populacional e eleitoral, podem comparar-se, mas tratam de realidades diferentes. "O censo é feito de dez em dez anos e é uma fotografia. O recenseamento é dinâmico, um vídeo, um filme, está sempre a mudar", compara Miguéis. "Todos os recenseamentos têm uma dose de abstenção técnica, ou seja, têm eleitores a mais do que aqueles que devem ter", reconhece. E, indica Magalhães, esta "abstenção técnica



Demógrafo Leston Bandeira propõe que se mude o sistema de contagem de eleitores

em Portugal tem valores relativamente elevados".

"Há uma tendência para presumir que há uma enorme sobre-estimação dos eleitores. Há alguma, mas não temos a certeza da sua dimensão. E existe hoje a percepção de que o recenseamento populacional subestima a realidade, dada a dificuldade dos estudos no campo", diz Magalhães, recordando que o recenseamento está a ser "permanentemente actualizado, com as baixas que vão ocorrendo ao longo do tempo - óbitos, entradas de novos eleitores, saídas de outros".

Já Leston Bandeira admite que haja alguns "problemas" no censo relacionados com as migrações - "por um lado, os movimentos de entrada não são inteiramente controlados e as estimativas trabalham com esta dificuldade; depois, há os emigrantes, os portugueses que saem, que são ainda menos controlados". Mas, sublinha, "um milhão de pessoas é muita gente" e não há outra hipótese a não ser

a dos "erros nos cadernos eleitorais", nomeadamente os relacionados com "eleitores-fantasma".

"O INE tem uma longa experiência a fazer recenseamentos, tem meios e cada vez melhores técnicas. São levantamentos exaustivos. São sempre estimativas, mas um erro de cálculo

3838 Esqueceu-se do número de eleitor? Mande um sms para 3838 e escreva RE/BI/data de nascimento (tudo pegado)

da ordem do milhão é impensável, tem de se procurar a causa noutros sítios", acredita.

Ao contrário, o sociólogo António Barreto considera que "os dados do INE perdem credibilidade à medida que se vai avançando uma década". Em 2001, data do último censo geral da população, as estatísticas eram "boas", mas "a partir daí há desvios

e são cada vez menos fiáveis, porque se acumula alguma margem de erro", avalia.

António Barreto defende "uma coordenação muito estreita entre o censo eleitoral e o censo demográfico, que devia estar a cargo da mesma entidade". "O maior problema é a incapacidade dos serviços de abaterem os emigrantes e os mortos. Com as migrações para a União Europeia, num espaço de liberdade de circulação, há uma população flutuante muito grande e nada disso é detectado, o que cria uma enorme incerteza", explica.

Leston Bandeira sustenta, por seu lado, que se deve acabar com os recenseamentos eleitorais, o que já está a acontecer em "alguns países sobretudo no Norte da Europa", e substituí-los por "outras técnicas de contagem, ligadas à segurança social ou aos impostos". "Temos de dar um novo passo para um sistema mais eficiente, racional e barato", propõe.

Eleições Números divergem

População total **10.617.575**

Número de pessoas com idade inferior a 18 anos: **1.974.894**

Habitantes com capacidade eleitoral **8.642.681**
estimativas do INE em 2007

Número total de eleitores **9.562.141**
9.462.645 no continente e regiões autónomas e 99.496 no círculo Europa) estimativas da CNE em 31 de Dezembro de 2008

Diferença entre habitantes com capacidade eleitoral e eleitores recenseados **919.460**



Campanha Últimos dias levam candidaturas a apostar tudo nas ruas e nos comícios

Candidatos queimam os últimos cartuchos e a dramatização começa a ganhar força

A campanha eleitoral já cheira a fim. É a altura de cada um puxar a brasa aos seus temas e de apontar canhões aos adversários

● Na campanha queimam-se os últimos cartuchos. A hora é de puxar pelos temas escolhidos por cada um para a conquista dos votos. São os dias em que a dramatização começa a ganhar corpo e em que os alvos das críticas são criteriosamente escolhidos.

Paulo Rangel voltou a ter a líder ao seu lado num dia em campanha no chamado "cavaquistão" a pedir campanha porta a porta. Vital Moreira esteve em dois dos concelhos do Baixo Minho com os maiores números do desemprego, mas passou ao lado da questão. Ilda fez campanha banca a banca no mercado de Algés. O CDS voltou a colocar acento tónico na segurança e na agricultura e o BE andou na margem sul a ver se consegue ganhar eleitorado ao PCP.

Insistir no debate

O barulho ensurdecedor dos bombos, nas ruas de Viseu, parou para Manuela Ferreira Leite dizer que o PSD "está unido" para esta campanha europeia que está a correr como previa. E respondeu ao seu ex-adversário na corrida à liderança Pedro Passos Coelho, há um ano. Com uma frase crua, destruiu a tese de que o PSD não pode perder as eleições de domingo, dita por Passos Coelho há dois dias. "Em democracia essa frase não existe", atirou, com ar grave, a líder social-democrata. Sem mais uma palavra, aliviou a pressão dos seus opositores internos quanto ao resultado das europeias.

Manuela Ferreira Leite andou sorridente na arruada pelo centro de Viseu, acompanhada pelo presidente da câmara, Fernando Ruas, e alguns dirigentes nacionais, como Paulo Mota Pinto e Marques Guedes, além de deputados eleitos pelo círculo. Afinal, estava em casa, no "cavaquistão", um bastião social-democrata, especialmente nos tempos da maioria absoluta "laranja".

Mais à vontade do que na arruada de Aveiro, na sexta-feira, distribuiu beijos e apertos de mão. Ferreira Leite e Paulo Rangel receberam promessas de voto e apoio por entre enorme barulheira.

Na recta final da campanha, o candidato do PSD começou a dramatizar as eleições. Num almoço em Tondela, distrito de Viseu, Paulo Rangel pediu ao "engenheiro José Sócrates" que deixe o candidato socialista, Vital Moreira, ir ao debate proposto pela RTP na quinta-feira [hoje]. Depois, pediu aos autarcas do partido a fazerem uma espécie de campanha porta a porta, junto "da família, dos amigos, dos conhecidos, dos colegas de trabalho".

"Por que é que o eng.º José Sócrates não deixa o candidato Vital Moreira para o debate?" Rangel acha que "o PS tem medo" de debater porque "está numa situação de desespero".

O desafio a Vital foi renovado e o cabeça de lista dos sociais-democratas acha que o constitucionalista ainda vai a tempo. "Nós ainda arranjamos tempo amanhã [hoje]. Como ele [Vital] muda de opinião tantas vezes é natural que ainda mude de opinião até lá."

O candidato "laranja" fez um apelo ao voto de protesto contra o Governo. No domingo, "é preciso dar um sinal de revolta, de indignação" - o que seria conseguido com uma vitória do PSD.

Passar ao lado

Já Vital Moreira esteve em campanha em Guimarães e Barcelos, dois dos concelhos do Baixo Minho onde o desemprego atinge números recorde a nível nacional, mas esta questão passou ao lado dos discursos do candidato.

O cabeça de lista do PS às eleições europeias optou antes por falar do Portugal positivo, exaltando o caminho das novas tecnologias, seguindo um pouco o discurso oficial do líder socialista, José Sócrates.

O dia começou com uma visita ao parque tecnológico empresarial de Guimarães (Avepark). E Vital ficou fascinado com o que viu e ouviu. Definiu-o como "uma espécie de embrião de Silicon Valley no Verde Minho, alta tecnologia de ponta em ambiente bucólico". Partiu deste exemplo para falar da Europa.

Explicou que o Avepark (que concentra duas dúzias de empresas, desde os têxteis à área da aeronáutica, é apoiado pela União Europeia e "está alinhado com a grande estratégia da União que se chama Agenda de Lisboa que é pôr a ciência, o saber, a tecnologia ao serviço da economia".

O cabeça de lista do PS referiu-se ainda ao Avepark como "uma parte da solução" para fazer "a Europa que nós queremos", revelando que "políticas correctas, a focagem em estratégias certas e o investimento no sítio certo geram sucesso e emprego e dinamizam a economia".

A também candidata Elisa Ferreira lembrou o tempo em que trabalhou naquela região como responsável pela Operação Integrada de Desenvolvimento do Ave e enalteceu o projecto. Questionada sobre a resposta que tem para a outra metade do Vale do Ave que não é jovem, que está no desemprego e que atravessa uma situação complicada, Elisa respondeu com uma frase politicamente correcta. "É problema muito, muito grave, o desemprego europeu, por isso mesmo é que é muito importante que no centro da agenda europeia vista pelos socialistas para o relançamento da Europa esteja o emprego (...)".

Rangel voltou a ter a líder em campanha



Ilda Figueiredo esteve no mercado de Algés



De tarde, a paragem fez-se em dois sítios: Barcelos e em Viana do Castelo, numa acção de rua.

Em casa

No dia em que a campanha oficial da CDU chegou a Lisboa, Ilda Figueiredo foi ontem de manhã ao mercado de Algés ouvir queixas de vendedoras e clientes e até conseguiu que um indesejado lhe dissesse que vai votar nela. Tendo em conta que Jerónimo diz que não vale a pena tentar convencer que já está convencido, desta vez a CDU acertou no território.

Apesar do cansaço que vai começando a sentir, a candidata esteve nas suas sete quintas, conseguindo atenção das vendedoras de frutas e legumes, carne e sobretudo das peixeiras.

Carlos Orlando pousou o cutelo de talhante para, primeiro, confessar o seu descrédito no PS, partido em que tem votado, e, depois de ouvir os apelos de Ilda, dizer-lhe que vai votar na sua coligação.

Em passo calmo, foi fazendo um minicómio junto de cada comerciante, pedindo a quem se dizia indeciso que "transforme a sua revolta e indignação num voto na CDU".

Como fez com Manuela Dourado, peixeira que enquanto arranjava uma pescada para uma freguesa barafustava: "Lá na Assembleia deviam era discutir os problemas dos trabalhadores. Onde está a nossa indústria? Nós não estamos interessados na vida dos políticos, nem no BPN ou no Freport. Isso são balelas. O povo tem é

falta de trabalho. Eu é que havia de ser política, era eu".

O ambiente foi bem menos efusivo à porta das traseiras do edifício da Câmara de Lisboa, no Campo Grande. Parada sobre um autocolante de um partido concorrente, Ilda ia distribuindo folhetos e apelando ao voto "domingo, na CDU", mas um terço dos trabalhadores que ia saindo para o almoço preferia estugar o passo.

Agricultura e defesa

Na recta final da campanha, o CDS insiste nos temas da agricultura e da segurança, mesmo quando as declarações do cabeça de lista são à porta de um hospital. Nuno Melo, de manhã ficou no Parlamento a interpelar o ministro da Justiça, criticou o silêncio



A Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal não concorda com os boletins de voto em braille porque entende que estes não garantem a confidencialidade.



NELSON GARRIDO

Sobe e desce

Paulo Rangel
Candidato do PSD



Rangel teve ontem o seu melhor dia de campanha. A organização não teve falhas, como aconteceu noutras ocasiões, teve povo e teve a líder. Rangel falou para todo o lado: para Sócrates, para Vital e até para o Parlamento. A região por onde andou (Viseu) pode ter ajudado. Em tempos chamou-se "cavaquistão". **Luciano Alvarez**

Paulo Portas
Líder do CDS-PP



Paulo Portas comprou ontem uma polémica desnecessária ao avisar que, no sábado, dia de reflexão, estará com os agricultores na feira de Santarém. Portas pode alegar que sempre vai lá, que respeita o dia de reflexão e pode até não fazer comentários, mas que cheira a campanha cheira. E, nestes casos, quem pisa o risco tem mais perdas que ganhos. **L.A.**

PS-Matosinhos continua dividido para comício socialista
Porto pode receber encontro inesperado

● À falta de debate televisivo, pode acontecer que Vital Moreira, Paulo Rangel, Ilda Figueiredo e Miguel Portas tenham esta tarde um frente-a-frente na Baixa do Porto. Pelo menos é o que indiciam as respectivas agendas, já que, a cumprirmos-se os horários, os quatro candidatos vão coincidir no centro da cidade a meio da tarde, tendo a Rua de Santa Catarina como palco principal.

O encontro, a acontecer, será alargado aos líderes do PSD e do BE, já que tanto Manuela Ferreira Leite como Francisco Louçã vão andar ao lado dos respectivos candidatos. A comitiva social-democrata concentra-se no histórico Café Majestic, para percorrer depois a conhecida artéria comercial do Porto, numa altura em que o BE iniciará o seu percurso na outra extremidade da mesma rua. Já a CDU parte da Avenida dos Aliados, enquanto Vital Moreira anuncia a sua passagem por Santa Catarina para meia hora mais tarde. Para uma maior concentração só faltará mesmo a comitiva do CDS-PP, que por essa hora deverá andar pelas ruas do centro de Braga.

Eventuais encontros à parte, a jornada representa também o reencon-

tro dos socialistas com a memória dos trágicos acontecimentos da última campanha para as europeias, com o falecimento do cabeça de lista Sousa Franco na sequência das rivalidades entre apoiantes locais durante a visita ao mercado de Matosinhos.

Esta feita, a organização socialista optou por levar o candidato para junto das peixeiras do Bolhão - mercado que visita durante a manhã, mas o dia vai terminar com um comício em Matosinhos, com a presença de José Sócrates. A questão é que as tensões



Guilherme Pinto é um dos oradores do comício de hoje, mas a grande dúvida está na presença de Narciso Miranda

no seio dos socialistas locais são hoje ainda bem mais presentes que naquele fatídico dia 9 de Junho de 2004.

Narciso Miranda mantém-se como um dos protagonistas e em guerra aberta com a estrutura concelhia do partido. Apesar de manter a militância, tem já no terreno uma candidatura independente às próximas eleições

autárquicas, sendo apoiado por muitos outros que igualmente ostentam o cartão socialista. Além da guerra que têm movido a Guilherme Pinto, o actual autarca e também presidente da concelhia do PS, as hostes de Narciso multiplicaram-se nos últimos dias em denúncias sobre a alegada participação das estruturas e chefias camarárias na preparação do comício, onde Guilherme Pinto é anunciado como um dos oradores.

Sendo seguro que o grosso dos apoiantes do antigo presidente da câmara não deixará de marcar presença no comício, é, no entanto, pouco provável que se repitam os confrontos de há cinco anos. A dúvida é sobre a participação de Narciso e como reagirão os militantes face a essa eventualidade.

Contactado pelo PÚBLICO, o antigo homem-forte da distrital foi evasivo. Diz que é militante com as quotas em dia, mas que há cerca de meio ano deixou de receber qualquer comunicação do partido. "Deve ter havido um apagão que limpou os meus contactos", ironizou. Será que vai comparecer mesmo não tendo sido convidado?

José Augusto Moreira

dos seus adversários, em particular o de Vital Moreira, sobre os números negros da criminalidade: "devem fazer reflectir todos os candidatos".

À porta do hospital de Tomar, onde falhou a visita, Melo voltou a criticar o "erro" do código de execução de penas que o PS quer aprovar: "para se apanhar uma prisão efectiva de cinco anos tem que se ser muito delinquente".

Momentos antes, o líder do CDS-PP aproveitou para confirmar a sua presença no sábado na Feira Nacional de Agricultura, em Santarém, respondendo ao ministro Jaime Silva que o acusou de estar "desesperado" para fazer campanha em dia de reflexão. "Posso ir a qualquer feira, a qualquer hora, que os agricultores sabem o trabalho que fizemos. O ministro não foi às últimas feiras nacionais e quando vai ainda não abriu, já fechou ou rodeado de seguranças", disse Portas, que começou o dia com críticas a Jaime Silva na Adegas Cooperativas de Almeirim, Santarém.

Numa prova de vinhos, entre um copo de branco e um queijinho, o líder do CDS insistiu nas vantagens da agricultura para a economia. E lembrou que em Espanha há mais apoios, para concluir que a má situação em Portugal "não é nenhum defeito congénito".

Trabalhar mais

Miguel Portas e Marisa Matias voltaram à margem sul. Depois de paragens na Baixa da Banheira e na Arrábida, na passada semana, os candidatos bloquistas estiveram ontem num distrito em que estão a tentar ganhar terreno ao PCP - Setúbal.

O dia de campanha começou no Barreiro, numa das oficinas da EMEF

(local onde Portas, perante as locomotivas, ficou "impressionado" com a "capacidade inventiva do Homem"); passou pelas ruas do centro de Setúbal, já com a presença de Francisco Louçã; e terminou em Almada, num comício realizado na Incrível Almadaense.

No Barreiro e em Setúbal, Portas centrou as suas "mensagens do dia" na defesa das reformas ao fim de 40 anos de trabalho, na contestação ao diploma dos socialistas sobre o regime jurídico do trabalho no domicílio (proposta que deu entrada na Assembleia da República no passado dia 15 e que o candidato interpreta como a "legalização do trabalho infantil"), e ainda comentou a opinião de Mário Soares sobre a necessidade de ser eleito um presidente da Comissão Europeia oriundo da família socialista. Sobre esta última questão evidenciou as diferenças entre ex-chefes de Governo socialistas e actuais, acusando estes de uma "deriva neoliberal".

Ao fim da tarde, nas zonas comerciais de Setúbal, a distribuição do jornal de campanha, já com a presença de Francisco Louçã, acabou com Portas a "puxar dos galões" do trabalho por si realizado no primeiro mandato. Questionado sobre o facto de ter sido considerado um dos eurodeputados portugueses menos produtivos, Portas lembrou os seus "trabalhos" nos grupos de trabalho sobre imigração e ensino e as viagens ao Líbano e a Gaza. Mas prometeu trabalhar mais caso seja eleito para um segundo mandato. E já fez a escolha da comissão: assuntos económicos e monetários internacionais.

Nuno Simas, Margarida Gomes, Maria Lopes, Sofia Rodrigues e Maria José Oliveira



Europeias 2009

Há quase um milhão de votantes a mais

Número dos que podem votar não bate certo com o dos cidadãos recenseados

Pedro Flores, arquitecto, 32 anos, descobriu que foi posto na lista



Negócio Alípio Dias, antigo administrador do BCP, promoveu os primeiros contactos

Líbios representados por Duarte Lima tentaram comprar BPN

O advogado e antigo líder parlamentar do PSD Duarte Lima e o advogado Joaquim Peralta pediram a Alípio Dias que os apresentassem aos accionistas da SLN

Cristina Ferreira e Ana Brito

Os advogados Joaquim Peralta e Duarte Lima, antigo líder parlamentar do PSD, tentaram, em representação de investidores líbios, comprar o grupo Sociedade Lusa de Negócios/Banco Português de Negócios, SLN/BPN antes de o banco ter sido nacionalizado. Os primeiros contactos para essa proposta de compra foram feitos por Alípio Dias, ex-administrador do Banco Comercial Português (BCP), que teve como função colocar os dois advogados em contacto com os accionistas do grupo SLN/BPN.

Sexta-feira passada, à margem da assembleia geral da SLN, o empresário Alberto Figueiredo, presidente da SLN Valor (a maior accionista da SLN), declarou que "a última proposta que apareceu [na SLN] era liderada pelo dr. Alípio Dias, em representação de sua alteza ou qualquer coisa do género". Alberto Figueiredo explicou que, embora Alípio Dias se tenha recusado a dizer quem era o comprador, chegou-se a um acordo de 1,18 euros por acção. Em todo o caso, revelou, "o dinheiro nunca chegou".

Mas Alípio Dias, em declarações ao PÚBLICO, assegura que a sua intervenção foi "transitória". "O dr. Peralta e o dr. Duarte Lima sondaram-me para saberem se eu estava interessa-

do em os apresentar aos accionistas da SLN, pois queriam apresentar-lhes uma oferta de compra do grupo", explicou. "Na altura, eles disseram-me que estavam a representar investidores líbios, que eu nunca cheguei a conhecer."

O ex-gestor do BCP, hoje na Geocapital, conta que se disponibilizou para pôr em contacto Joaquim Peralta com alguns investidores relevantes da SLN, "mas desde que Miguel Cadilhe estivesse de acordo". Cadilhe era então presidente da SLN/BPN, funções que exerceu entre Junho e Setembro de 2008. Alípio Dias lembra-se do ex-ministro das Finanças de Cavaco Silva lhe ter dito "que o assunto devia ser tratado directamente com os accionistas da SLN".

Na sequência, o ex-administrador do BCP conta que o advogado Joaquim Peralta lhe pediu para ele o apresentar aos accionistas de relevo da SLN, nomeadamente a Joaquim Coimbra, membro da direcção do PSD, e que está ligado a uma seguradora em Cabo Verde. Alípio Dias garante que terminou aí a sua intervenção neste processo, que envolveu reuniões e troca de correspondência. Alípio Dias foi um dos nomes que chegou a ser referido para presidir ao BPN antes de Cadilhe ter assumido a liderança.

Duarte Lima incontactável

O PÚBLICO procurou em vão ao longo dos últimos dias entrar em contacto com Duarte Lima, tendo deixado recado nos seus dois telemóveis, assim como no seu escritório. Tal como o PÚBLICO já divulgou em edições anteriores (28/11/08), Duarte Lima era cliente do BPN e o seu nome consta de um relatório de auditoria da Deloitte, como cliente do BPN, com um financiamento de cerca de cinco milhões de euros, que foi concedido sem que o banco tenha respeitado os procedimentos normais. Duarte Lima possui ainda no BPN um crédito registado em documentos oficiais como sendo de cobrança duvidosa.

Apesar de nunca ter estado disponível para comentar a informação antes da sua publicação, Duarte Lima viria no dia seguinte (29/11/08) a solicitar ao abrigo do direito de resposta a publicação de um esclarecimento: "Realizei efectivamente uma operação de crédito no BPN em data em que não exercia qualquer função política ou pública. Para essa operação de crédito prestei as garantias sólidas e suficientes que me foram solicitadas pelo banco, e todos os pagamentos inerentes à operação foram integral e pontualmente respeitados

Cavaco fala do BPN

O Presidente da República negou ontem ter escondido que tenha tido na sua carteira acções da Sociedade Lusa de Negócios (SLN), esclarecendo que o investimento nesses títulos foi feito por "um banco" a quem entregou as suas poupanças. "Recentemente foi noticiado que eu tinha tentado esconder que da minha carteira de títulos e da minha mulher faziam parte (...) acções da SLN. Não é verdade". O Chefe de Estado remeteu ainda para um comunicado de Novembro do ano passado em que esclarecia que as suas poupanças e da sua mulher foram entregues a quatro instituições que, por seu turno, fizeram aplicações em acções de diversas entidades. "Entregámos as nossas poupanças a quatro bancos, incluindo o BPN (...). Em Novembro do ano passado emiti um comunicado dizendo onde podiam ser verificadas todas as aplicações feitas pelos bancos gestores em acções do BCP, BPI, EDP, Jerónimo Martins, Brisa, SONAE e também a aplicação que um banco fez em acções da SLN", frisou. Também ontem, em reacção às declarações de Cavaco Silva, numa nota publicada no *Expresso online*, o semanário não recua em relação ao texto que publicou, lembra que nunca acusou o Presidente de ter tentado esconder as aplicações das suas poupanças e disponibilizou cópia das cartas supostamente assinadas por Cavaco Silva e pela sua filha onde são dadas as alegadas ordens de venda das acções detidas pelos dois. **Lusa/PÚBLICO**

O caso BPN esteve ontem em destaque no Parlamento



"O dr. Peralta e o dr. Duarte Lima sondaram-me para saberem se estava interessado em os apresentar aos accionistas da SLN, pois queriam apresentar-lhes uma oferta de compra do grupo", diz Alípio Dias



por mim, nas datas negocialmente acordadas, nunca tendo sido objecto de qualquer reclamação por parte do banco."

Já Domingues Peralta, que esteve no Banco Totta, quando Alípio Dias era presidente, instado a comentar o seu envolvimento como intermediário do grupo líbio, declarou: "Exerço a minha profissão de advogado e não prestarei qualquer declaração sobre os meus clientes."

Durante o período em que esteve à frente da SLN/BPN, entre Fevereiro e Junho de 2008, o presidente do Banco Efisa, Abdool Vakil (PÚBLICO de 20/5/08), recebeu manifestações

de interesse de investidores líbios. O grupo enviou ainda uma carta de intenções para o Banco de Portugal (BdP) onde solicitava informações sobre a eventual tomada de posição no grupo. O contacto com o supervisor foi entregue por Leonel Gaspar, o actual advogado de Oliveira e Costa, que então em declarações ao PÚBLICO disse: "Não comento, aliás, como nunca o faço, quando estão em causa assuntos envolvendo clientes do gabinete."

O PÚBLICO tentou agora de novo falar com este advogado, ligando-lhe para o seu escritório, mas desta vez para saber se o grupo líbio que se

fez representar por Duarte Lima e Joaquim Peralta é o mesmo que delegou em Leonel Gaspar a aproximação ao BdP. O PÚBLICO queria ainda saber se Oliveira Costa estaria por detrás do interesse líbio. Todavia, a voz feminina que atendeu o telefone do escritório de Leonel Gaspar limitou-se a dizer que tinha "mais que fazer", para logo de seguida desligar o telefone. Leonel Gaspar é o advogado pessoal de Oliveira Costa, que se encontra em prisão preventiva, tendo acompanhado o ex-presidente da SLN na última audiência parlamentar realizada no quadro da comissão de inquérito ao BPN.



A procuradora-geral adjunta Cândida Almeida confirmou ontem ter recebido o despacho para ouvir Dias Loureiro no âmbito do processo BPN e adiantou que a audição deverá acontecer este mês.

Para o Banco Efisa

Abdool Vakil sugeriu vários socialistas a Oliveira Costa

● Abdool Vakil, então presidente do Banco Efisa, sugeriu a José Oliveira Costa, a pedido deste e segundo critério definidos pelo ex-presidente da Sociedade Lusa de Negócios (SLN), um conjunto de nomes do universo do Partido Socialista (PS) para integrarem os órgãos sociais do Efisa, a instituição financeira que funciona como braço de investimento do Banco Português de Negócios (BPN).

O e-mail enviado a Oliveira e Costa por Vakil e que agora é matéria reservada à Comissão de Inquérito Parlamentar à supervisão ao BPN, foi trocado no início da década, quando era primeiro-ministro António Guterres.

O Grupo SLN/BPN evidenciava-se antes da nacionalização por ser um projecto difuso, sustentado em relações pessoais de Oliveira Costa e Dias Loureiro, e que funcionava como um pólo de atracção de negócios não financeiros. O grupo desenvolveu-se apoiado numa base política, ligada sobretudo a uma facção do PSD, constituída por ex-membros dos governos de Cavaco Silva e de Durão Barroso, e com ligações ao mundo dos negó-

cios. O banco caracterizava-se ainda por ter políticos no activo nos órgãos sociais e a desempenhar um papel determinante nos destinos do grupo.

Para além de Oliveira Costa e de Dias Loureiro, pelos órgãos sociais do BPN passaram nomes como o de Daniel Sanches (ex-ministro da Administração Interna de Santana Lopes e antigo director dos serviços secretos no tempo em que Dias Loureiro era ministro), ou o de Lencastre Bernardo (ex-director dos serviços de estrangeiros e fronteiras). À frente do Conselho Superior esteve vários anos Rui Machete (presidente da Fundação Luso Americana) e dirigente do PSD. Entre os accionistas (e clientes), o grupo conta, por exemplo, com Joaquim Coimbra (da direcção de Manuela Ferreira Leite), Arlindo Carvalho (ex-ministro de saúde) ou Gilberto Madail.

Apesar dos vários nomes do universo socialista sugeridos por Vakil a Oliveira Costa, apenas José Lamego, Augusto Mateus e Guilherme Oliveira Martins chegaram a assumir funções, mais concretamente, no conselho superior do Banco Efisa. **Cristina Ferreira**

O e-mail de Vakil para Oliveira Costa

Meu caro, No tocante a este assunto, para além do nome que sugeriu que foi o do Doutor Oliveira Martins que julgo não ser o mais provável porque não é para Presidente, lembrei-me de alguns outros nomes que lhe submeto para uma apreciação prévia e para estabelecermos uma hierarquização para que eu possa então seguir a lista por essa ordem.

Os nomes que me ocorrem dentro do critério que foi definido são:

Vera Jardim - advogado com nome na Praça, Deputado pelo PS e ex-Ministro da Justiça; muito próximo do actual PR (e também amigo do Neto Valente dado que este foi há anos colega do escritório Jardim, Sampaio e Caldas);

João Cravinho - nome bem conhecido, Deputado do PS e ex-Super Ministro do Equip Social, etc, conheço-o bem, já fez o favor de dar alguma colaboração ao Banco Efisa a título gracioso porque quando saiu do governo achou que não devia logo trabalhar para o banco que era prestador de serviços ao Ministério que comandou. Entretanto, como isso já foi há algum tempo, pode ser que já possa aceitar. (Disse-me na

altura que tinha aceite um lugar no Conselho Consultivo do Banco do Rendimento).

Prof. Augusto Mateus - PS muito bem inserido na máquina do Partido; ex-Ministro da Economia; meu antigo aluno e com quem tenho excelente relação.

Dr. Fernando Castro que foi Ch de Gabinete e ao que se diz o Mentor do então Ministro Pina Moura, muito bem inserido dentro dos meios políticos onde se move com muita discrição mas com grande eficácia. Dou-me bem com ele; veio há dias almoçar comigo ao banco; está de momento ligado à General des Eaux em Portugal.

Alberto Costa - Deputado pelo PS, advogado e muito ligado ao António Vitorino com quem também me dou bem. Foi Ministro da Administração Interna e é também uma pessoa discreta.

Também o Mário Cristina de Sousa poderia ser um bom nome mas está neste momento ligado à CGD e daí que, mesmo sendo um bom amigo, não possa. Mas fica aqui como uma mera sugestão mas que não me parece viável.

Podemos falar sobre este assunto quando entender conveniente.
AV

PS e Santos Silva defendem Vítor Constâncio

Oposição atira falhas do Banco de Portugal contra o PS

● O Partido Comunista Português (PCP) marcou o debate de actualidade no Parlamento e toda a oposição foi atrás: num momento em que o Partido Socialista (PS), em plena campanha para as eleições europeias, dispara sobre o Partido Social Democrata (PSD) por causa da "roubalheira" do Banco Português de Negócios (BPN), como lhe chamou Vital Moreira, os partidos minoritários lembraram no Parlamento que o Banco de Portugal (BdP) e Vítor Constâncio "falharam" na supervisão bancária, tanto no BPN como no Banco Privado Português (BPP) e no Banco Comercial Português (BCP).

Coube ao deputado comunista Honório Novo iniciar o debate com palavras duras para o banco liderado por Oliveira Costa: "Uma verdadeira rede criminosa, sustentada em dependências, em favores e em cumplicidades pessoais". Um diagnóstico que a bancada do PSD não rejeitou,

embora tenha suavizado o tom: "Irregularidades, ilegalidades, até fraude", admitiu Hugo Velosa, vice-presidente da bancada.

Ataque a Constâncio

Mas esse reconhecimento só servia para sustentar o seu tiro certo ao BdP. Honório Novo acusou mesmo o PS de "proteger" Vítor Constâncio, ao não requerer judicialmente o levantamento do sigilo bancário para receber os documentos que o BdP se recusou fornecer. "Prova-se, assim, que para o PS o desempenho da supervisão do BdP e do dr. Vítor Constâncio são intocáveis", afirmou.

Hugo Velosa seguiu-lhe os passos: "Durante sete anos praticaram-se grandes fraudes no BPN e o BdP não deu por nada e não fez nada para acabar com o regabofe", apontou. Para concluir que "o país já percebeu as falhas de supervisão do Banco de Portugal e que, tal como no país, é preci-

so mudar também" os protagonistas desta estrutura.

Afinando pelo mesmo diapasão, o deputado do Bloco de Esquerda (BE) João Semedo ainda acrescentou mais críticas: "Não é só o BPN, os resultados desta supervisão estão à vista também no BCP e agora no BPP". Para defender que "está na altura de mudar de



Honório Novo, do PCP, apelidou o BPN de "uma verdadeira rede criminosa, sustentada em favores e cumplicidades"

supervisor, que deu uma grande ajuda à coudada de gangsters que andaram anos e anos a cometer crimes financeiros".

Já Pedro Mota Soares lembrou que foi o CDS-PP que divulgou o relatório onde se percebeu que o BdP emitiu o parecer sobre a nacionalização do

BPN "em sete linhas, sete". Mota Soares, ainda assim, dá razão a Vítor Constâncio quando este diz que a decisão foi política. "O ministro das Finanças foi o decisor político e também tem de ter consequências por isso", concluiu.

Em defesa de Vítor Constâncio saiu Vítor Baptista (PS), ao lembrar as referências elogiosas do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao BdP, por utilizar "metodologias que correspondem aos melhores padrões internacionais aplicáveis".

A ele juntou-se, pela política, o ministro dos Assuntos Parlamentares, ao defender que o supervisor bancário não deve ser "parte do jogo político-eleitoral nem objecto de debate para as eleições europeias". "Não estamos dispostos a desviar o foco da questão essencial: o conjunto de irregularidades, fraudes e crimes cometidos por entidades privada", frisou Augusto Santos Silva. **Leonete Botelho**





Líbios representados por Duarte Lima tentaram comprar o BPN

Primeiros contactos foram feitos por Alípio Dias que, segundo o próprio, os realizou a pedido de Duarte Lima e do advogado Joaquim Peralta

● Os advogados Joaquim Peralta e Duarte Lima, antigo líder parlamentar do PSD, tentaram, em representação de investidores líbios, comprar o grupo Sociedade Lusa de Negócios/Banco Português de Negócios, SLN/BPN antes de o banco ter sido nacionalizado. Os primeiros contactos foram feitos por Alípio Dias, ex-administrador

do Banco Comercial Português (BCP), que teve como função colocar os dois advogados em contacto com os accionistas do grupo SLN/BPN. Sexta-feira passada, à margem da assembleia geral da SLN, o empresário Alberto Figueiredo, presidente da SLN Valor (a maior accionista da SLN), declarou que “a última proposta que apareceu

Abdool Vakil indicou vários nomes do Partido Socialista para o Banco Efisa

[na SLN] era liderada pelo dr. Alípio Dias, em representação de sua alteza ou qualquer coisa do género”. Mas Alípio Dias, em declarações ao PÚBLICO, assegura que a sua intervenção foi “transitória”. Peralta e Lima disseram-lhe que estavam a representar investidores líbios, que ele não chegou a conhecer. → Economia, 22/23

Voos da CIA

Despacho já está na PGR

• O despacho final do inquérito relativo ao processo dos alegados voos da CIA já foi concluído e está na posse do procurador-geral da República, Pinto Monteiro, disse ontem a procuradora-geral adjunta, Cândida Almeida.

A directora do Departamento de Investigação e Acção Penal (DCIAP) adiantou que a eurodeputada Ana Gomes, que se constituiu assistente no processo, e o jornalista Rui Costa Pinto, o denunciante, têm de ser notificados.



PROCURADORIA CONCORRIDA

LUIS ANICETO

BPN e Loureiro. Também ontem, Cândida Almeida confirmou ter recebido terça-feira o despacho de Pinto Monteiro para ouvir Dias Loureiro no âmbito do processo Banco Português de Negócios, o que deverá acontecer ainda este mês. “Vamos ouvi-lo o mais rapidamente possível”, afirmou a procuradora-geral adjunta.



■ A curiosidade leva por um lado a escutar às portas e por outro a descobrir a América ■ *Eça de Queirós (1845-1900)*

Diário de Notícias

www.dn.pt

QUINTA-FEIRA | 4 DE JUNHO DE 2009 | ANO 145.º | Nº 51.194 | 1,00€
 director João Marcelino | directores adjuntos Filomena Martins e Rui Horteirão | subdirectora Catarina Carvalho

DESPORTO, pág. 35
Eriksson só fala depois das eleições
 Técnico não garante aceitar convite de Paulo Cristóvão

VIDA, pág. 48
Herman José diz que encontrou na TVI entusiasmo perdido na SIC
 Humorista explica mudança de canal num artigo em que recorda toda a sua carreira televisiva

PAÍS, pág. 13
Alegre defende alternativa europeia
 Histórico fala de medidas imaginativas contra pobreza

PGR dá tratamento de excepção a Dias Loureiro no caso BPN

Processo. Ex-conselheiro de Estado disse ao DN estar "satisfeito" com a decisão do procurador

Dias Loureiro atreveu-se a pedir ao procurador-geral para ser ouvido no caso BPN. Três dias depois, Pinto Monteiro fez-lhe a vontade,

sugerindo mesmo aos procuradores que estão a investigar o caso que, tendo em conta o direito ao bom-nome, o ex-conselheiro de Es-

tado fosse ouvido com rapidez. Dito e feito. A directora do DCIAP, Cândida Almeida, anunciou que a audição será ainda este mês. En-

tretanto, Cavaco Silva falou ontem da sua ligação ao BPN, negando ter escondido a venda de acções da Sociedade Lusa de Negócios

(SLN) e revelando que as suas poupanças estão "desaparecidas", por causa da crise financeira. **ACTUAL, pág. 4**



A normalidade na Praça de Tiananmen, 20 anos depois

O movimento estudantil de 1989 em Pequim só merece cem caracteres nos livros de estudo chineses, e é apresentado como "conflito" com o Governo. O DN falou com jovens chineses em Portugal, com idades próximas das dos protagonistas dos acontecimentos, que consideram que estudantes e dirigentes políticos cometeram erros. A nova geração sabe que tem de seguir regras para atingir objectivos. **ESPECIAL, págs. 28 e 29**

70% das queixas de abusos a menores deram condenações

Em 2008 houve 1180 condenações nos tribunais por crimes sexuais sobre crianças, de um total de 1672 acusações que chegaram a julgamento. **ACTUAL, pág. 5**



Voo 447 viveu quatro minutos de horror antes de cair no mar

Mensagens automáticas dão conta de que o avião da Air France terá caído a pique. Paris homenageou as vítimas com cerimónia inter-religiosa (na foto). **ACTUAL, págs. 2 e 3**

Jackpot: 43 Milhões de Euros*
 euro milhões
 A cada extracção todos os semanas

outras notícias

Saúde. Infectados com VIH rejeitados em alguns cursos profissionais. **PAÍS, pág. 16**

BPP. Privados dispostos a salvar banco só se tiverem aval do Estado. **BOLSA, pág. 31**

Portagens. Não foi pago nenhum pedido de reembolso por obras. **PAÍS, pág. 22**

ABASTEÇA-SE DE DESCONTOS.
 DESCONTOS ATÉ 5cênt por litro
 Veja como no interior deste Jornal.



NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL edp CASA EFICIENTE

A Casa Eficiente estará presente de 29 de Maio a 5 de Julho, junto ao Pavilhão do Conhecimento - Ciência Viva, no Parque das Nações. Venha visitá-la e descubra como contribuir para a redução da pegada humana no planeta, com pequenos gestos que fazem toda a diferença. **Horário:** de terça-feira a sexta-feira, entre as 10h00 e as 18h00, e aos fins-de-semana e feriados, entre as 11h00 e as 19h00. **Entradas gratuitas.** Para marcação de visitas para escolas ligue para 21 099 78 78 ou vá a www.natgeo.pt

NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNEL edp COM O APOIO DE



Qui 4 Jun Edição Lisboa

Quinta-feira 4 de Junho de 2009
Ano XX, nº 7002
Portugal: 1,00€ (IVA incluído)
Espanha: 2,00€ (IVA incluído)
Director: José Manuel Fernandes
Directores adjuntos: Nuno Pacheco, Manuel Carvalho e Paulo Ferreira

Amanhã **DVD HOME** um filme de Yann Arthus-Bertrand por mais **4,99 euros** e **RELATÓRIO PLANETA VIVO** editado pelo WWF com o apoio do Programa Gulbenkian Ambiente **Por + 1 euro**



5ª
É dia de dar
assentos
ao seu lazer.

Oferta jantar
"Menu Pousadas" para duas pessoas

POUSADAS DE PORTUGAL
Viver por História

10€ em desconto

Eleitores
Quem nunca quis votar foi agora recenseado à força **P2**

Opinião
Durão Barroso escreve sobre as eleições de domingo **Pág. 38**

Europeias 2009
Há quase um milhão de votantes a mais
Número dos que podem votar não bate certo com o dos cidadãos recenseados **Págs. 9 a 13**

Pedro Flores, arquitecto, 32 anos, descobriu que foi posto na lista

Acordo na Saúde
"Carreira única" aprovada para médicos do SNS

- Ministério e sindicatos chegaram ontem a acordo: existirá "uma carreira única" no Sistema Nacional de Saúde, quer os médicos trabalhem em unidades de saúde de gestão pública, de tipo empresarial, ou nos futuros hospitais públicos geridos por privados, quer sejam funcionários públicos ou tenham contratos individuais de trabalho. → Portugal, 5

Inimigo Público
Família biológica está nostálgica e quer regresso de Vital Moreira

Reforma penal
Prisão preventiva desceu 8,3 por cento desde 2007

- A aplicação da prisão preventiva desceu 8,3 por cento após a entrada em vigor das novas normas penais a 15 de Setembro de 2007. Os investigadores salientam que a redução não é "tão drástica quanto as percepções dos operadores judiciários", mas é preciso recordar que em 2008 a criminalidade violenta e grave aumentou 10,8 por cento. → Portugal, 4

Líbios representados por Duarte Lima tentaram comprar o BPN

Primeiros contactos foram feitos por Alípio Dias que, segundo o próprio, os realizou a pedido de Duarte Lima e do advogado Joaquim Peralta

- Os advogados Joaquim Peralta e Duarte Lima, antigo líder parlamentar do PSD, tentaram, em representação de investidores líbios, comprar o grupo Sociedade Lusa de Negócios/Banco Português de Negócios, SLN/BPN antes de o banco ter sido nacionalizado. Os primeiros contactos foram feitos por Alípio Dias, ex-administrador

do Banco Comercial Português (BCP), que teve como função colocar os dois advogados em contacto com os accionistas do grupo SLN/BPN. Sexta-feira passada, à margem da assembleia geral da SLN, o empresário Alberto Figueiredo, presidente da SLN Valor (a maior accionista da SLN), declarou que "a última proposta que apareceu

Abdool Vakil indicou vários nomes do Partido Socialista para o Banco Efisa

[na SLN] era liderada pelo dr. Alípio Dias, em representação de sua alteza ou qualquer coisa do género". Mas Alípio Dias, em declarações ao PÚBLICO, assegura que a sua intervenção foi "transitória". Peralta e Lima disseram-lhe que estavam a representar investidores líbios, que ele não chegou a conhecer. → Economia, 22/23

20 anos de Tiananmen
China cria "bons autoritários" à sua semelhança

- Andrew Small, especialista em questões chinesas do German Marshall Fund dos EUA, diz que 20 anos depois de Tiananmen, os chineses "fizeram um trabalho impressionante de adaptação do seu autoritarismo". "Saíram-se tristemente bem!" E o regime de Pequim tem vindo a ensinar outros países a serem "bons autoritários". → Mundo, 18/19



Opinião Luciano Amaral*

Quinta-feira Problemas



Há cerca de um ano, a piada era que a melhor aliada de Sócrates era Manuela Ferreira Leite. Entretanto, com o Professor Vital a tentar entusiasticamente ultrapassar as gafes do Doutor Moreira, parece que o melhor aliado de Manuela Ferreira Leite é mesmo o Professor Doutor Vital Moreira.

De facto, as inconsistências no apoio à recandidatura de Barroso, o alvitre de um “imposto europeu” (quem não adora impostos? Quem não vai logo, frenético, a correr votar em quem propõe um novo imposto?) e, ultimamente, a denúncia da “roubalheira” do BPN devem ter deixado o primeiro-ministro descoroado. Imagine-se o estado de ansiedade daquele coração, todos os dias à espera da próxima iluminação do professor de Coimbra. A espantosa inabilidade do candidato do PS tornou concebível algo que não se imaginava ainda há duas semanas: uma vitória do PSD nas eleições europeias. Não é garantido que aconteça, mas já esteve muito mais longe e já obrigou o próprio primeiro-ministro a vir meter-se ao barulho, o que a prudência não aconselhava.

Claro que nem tudo depende da campanha negativa do PS contra si próprio e do problema em que o candidato se tornou. Depende também de algo que ninguém já esperava: a capacidade deste PSD moribundo em produzir um candidato como Paulo Rangel. Desta vez não

Rangel é um problema para a direcção do PSD ao mostrar como é possível fazer com êxito exactamente o contrário daquilo que ela [Ferreira Leite] faz

veio a Manuela, o Santana, o Menezes ou o Passos do costume, mas alguém relativamente jovem para os padrões da actividade, com suficiente energia para se entusiasmar e entusiasmar os outros. Significativamente, Passos lá veio fazer o seu número favorito: ajudar um

bocadinho do PS. Em certo sentido, Rangel é também um problema para a direcção do PSD, ao mostrar em poucas semanas como é possível fazer com êxito exactamente o contrário daquilo que ela faz. Este é o grande problema da tese do arrasto: aquela que diz que o resultado das europeias poderia “arrastar” o PSD para um bom resultado nas legislativas. Mas uma vez Rangel confortavelmente instalado em Bruxelas, o que acontece? Regressa o velho ramerrame?

Rangel mostrou que, afinal, ainda era necessário contar com o PSD. Ele veio mostrar que talvez não seja precisa assim tanta coisa para tornar o PSD num partido funcional: um bocadinho de vontade, um bocadinho de agressividade e uma ou outra ideia vaga e nem sequer muito interessante. Mesmo a imagem, que não é famosa em Rangel, não parece ser um obstáculo inultrapassável. A tese do arrasto ainda pode vingar, mas para isso o PSD precisa de aprender qualquer coisa agora.

**Professor da Universidade Nova de Lisboa*